

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

EVERSON DE OLIVEIRA SOUZA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória. 23/11/2018.



VITÓRIA
2018

EVERSON DE OLIVEIRA SOUZA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória. 23/11/2018.



**USOS E COSTUMES NO PENTECOSTALISMO:
ANÁLISE DO DISCURSO ASSEMBLEIANO SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Análise do Discurso
Religioso

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Vitória - ES
2018

Souza, Everson de Oliveira

Usos e costumes no pentecostalismo /Análise do discurso assembleiano sobre os meios de comunicação / Everson de Oliveira Souza. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

vii, 74 f. ; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 71-74

1. Ciências das religiões. 2. Análise do discurso religioso. 3. Usos e costumes. 4. Assembleias de Deus e meios de comunicação.

5. Pentecostalismo. 6. Pentecostalismo e usos e costumes. - Tese.

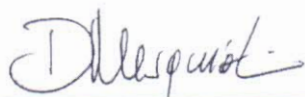
I. Everson de Oliveira Souza. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018.

III. Título.

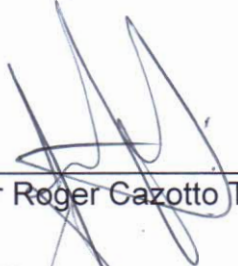
EVERSON DE OLIVEIRA SOUZA

USOS E COSTUMES NO PENTECOSTALISMO: ANÁLISE DO DISCURSO
ASSEMBLEIANO SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA (presidente)



Doutor Kenner Roger Gazotto Terra – UNIDA



Doutor Gedeon Freire de Alencar – ICEC

AGRADECIMENTO

Agradecer para mim é um privilégio incomparável e uma oportunidade na qual posso apresentar minha gratidão a muitas pessoas.

Primeiramente agradeço a Deus que é o motivo da minha existência e das minhas vitórias. Ter confiança em Deus e senti-lo ao meu lado tornou-se possível a conclusão desse trabalho, sou grato a ele de todo o meu coração.

Agradeço a minha esposa Juliana Santos P. Souza por todo o apoio e companhia nas minhas lutas, nos sonhos e compreensão das minhas ausências. Aos meus filhos Rafael Santos Souza e David Santos Souza os quais têm sido motivos de muitas alegrias em minha vida.

Sou grato aos meus pais e aos meus irmãos pelo incentivo dado em todo esse caminho que trilhei, sem o apoio deles seria difícil chegar até aqui.

A minha gratidão ao prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, meu orientador. Obrigado pelas sábias orientações dada, pela paciência e pela seriedade do seu trabalho. Tudo isso contribuiu para que eu pudesse crescer no conhecimento, que Deus o abençoe sempre.

A Faculdade Unida por me possibilitar a conclusão deste curso.

Agradeço aos professores e a direção do Curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões. Obrigado pelas aulas que foram ministradas, as quais me serviram para um crescimento ímpar.

Obrigado ao professor Dr. Júlio Brotto e ao professor Dr. Kenner Terra pelo trabalho de qualificação e pelas orientações que possibilitaram na melhoria deste trabalho.

Ao Dr. Gedeon Freire de Alencar pela ajuda de orientação em locais para possíveis pesquisas.

À professora Ivone Aguiar e ao Herbert Farias pelo trabalho de revisão do texto.

A secretária Luana pelo excelente profissionalismo.

Ao meu irmão e amigo Jean Érique. Foi um enorme prazer conhecê-lo neste curso, no qual ganhei mais um irmão e amigo. Que Deus o abençoe.

Que Deus possa recompensar a todos por tudo.

A Deus eu dou toda honra e glória!

RESUMO

A análise dos discursos quanto aos usos e costumes das Assembleias de Deus tendo como ênfase o discurso do uso dos meios de comunicação, é a base que constitui o presente trabalho. A pesquisa foi feita por meio das bases estabelecidas pelo referencial da Análise do Discurso. Por meio de um estudo bibliográfico o trabalho apresenta as origens das Assembleias de Deus, bem como as origens, a sedimentação e as disputas internas dos comportamentos e hábitos. Observa-se por meio da Análise do Discurso a ideologia presente nos discursos referente a prática comportamental da denominação, as características dos discursos e a existência de práticas manipulativas. A dissertação está dividida em três capítulos, sendo composto cada um de cinco subtítulos. Com exceção da introdução que objetivou apresentar a estrutura do trabalho em si e a conclusão que dá o fechamento. No primeiro capítulo, o objetivo é demonstrar as origens das Assembleias de Deus em Belém, estado do Pará. Enfatiza também sobre os conceitos de usos e costumes, sobre as origens dos comportamentos e práticas da denominação que teve como ideologia manter-se separado dos demais grupos que compunham a sociedade de Belém. O capítulo teve como foco ainda a análise sobre o surgimento e poder dos meios de comunicação. A análise se fez necessária devido ser esse o objeto da pesquisa. No segundo capítulo, o foco é na compreensão da Análise do Discurso de linha francesa e seus conceitos. Relatando sobre a importância da Análise do Discurso para compreender os discursos das Assembleias de Deus frente ao uso dos meios de comunicação, uso que é regulamentado dentro das práticas comportamentais da denominação. O capítulo observou as características de um discurso religioso, fazendo um exame específico da manifestação desse pelos meios de comunicação. O terceiro capítulo, trouxe a identificação da ideologia de um viver em santidade que estava presente em todos discursos dos líderes das Assembleias de Deus quando defenderam a inserção dos usos e costumes. Ainda nesse capítulo, houve a demonstração da prática manipulativa usada pelos líderes em cada discurso sobre o uso dos meios de comunicação. A demonstração foi feita analisando os discursos das Convenções Gerais das Assembleias de Deus do ano de 1937 e 1975 e do discurso do ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) do ano 1999. Foi identificada também a característica de cada discurso. Por meio desta pesquisa foi possível a compreensão da importância da Análise do Discurso para examinar as origens, a sedimentação e as disputas internas quanto ao uso e costumes das Assembleias de Deus, analisando os discursos que inseriam tais costumes. A aplicação dos conceitos da Análise do Discurso tornou-se viável para fazer uma análise detalhada que se objetivava também em identificar as bases que se estruturaram os discursos dos líderes da denominação com fins de induzir e sedimentar as práticas da comunidade religiosa.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Assembleias de Deus. Usos e Costumes. Meios de comunicação. Análise do Discurso.

ABSTRACT

The analysis of the discourses on the uses and customs of the Assemblies of God, with emphasis on the discourse of the use of the means of communication, is the basis that constitutes the present work. The research was done through the bases established by the Discourse Analysis framework. Through a bibliographical study the work presents the origins of the Assemblies of God, as well as the origins, the sedimentation and internal disputes of the behaviors and habits. It is observed through Discourse Analysis the ideology present in the discourses referring to the behavioral practice of the denomination, the characteristics of the discourses and the existence of manipulative practices. The dissertation is divided into three chapters, each composed of five subtitles. With the exception of the introduction that aimed to present the structure of the work itself and the conclusion that gives the closing. In the first chapter, the objective is to demonstrate the origins of the Assemblies of God in Belém, state of Pará. It also emphasizes on the concepts of customs and customs, on the origins of the behaviors and practices of the denomination that had as ideology to keep separated from the others groups that made up the society of Belém. The chapter also focused on the analysis of the emergence and power of the media. The analysis was necessary because this is the object of the research. In the second chapter, the focus is on understanding the French Speech Discourse Analysis and its concepts. Reporting on the importance of Discourse Analysis to understand the discourses of the Assemblies of God regarding the use of the media, a usage that is regulated within the behavioral practices of the denomination. The chapter observed the characteristics of a religious discourse, making a specific examination of the manifestation of this by the means of communication. The third chapter brought the identification of the ideology of living in holiness that was present in all discourses of the leaders of the Assemblies of God when they defended the insertion of customs and customs. Yet in this chapter, there was demonstration of the manipulative practice used by leaders in each discourse about the use of the media. The demonstration was made analyzing the speeches of the General Conventions of the Assemblies of God of the year 1937 and 1975 and the speech of the ELAD (Meeting of Leaders of the Assemblies of God) of the year 1999. It also identified the characteristic of each discourse. Through this research it was possible to understand the importance of Discourse Analysis to examine the origins, sedimentation and internal disputes regarding the use and customs of the Assemblies of God, analyzing the discourses that inserted such customs. The application of the concepts of Discourse Analysis became feasible to make a detailed analysis that was also aimed at identifying the bases that structured the discourses of the denomination leaders in order to manipulate and to sediment the practices of the religious community.

Keywords: Pentecostalism. Assembly of God. Uses and Customs. Media. Analysis of Speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS E DOS USOS E COSTUMES	12
1.1 A origem das Assembleias de Deus	14
1.2 Conceituação de usos e costumes	16
1.3 O que são e para que servem os costumes religiosos?	17
1.4 A origem dos usos e costumes nas Assembleias de Deus	18
1.5 O surgimento e o poder dos meios de comunicação	22
2 ASSEMBLEIAS DE DEUS, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ANÁLISE DO DISCURSO... ..	28
2.1 A Análise do Discurso e o percurso gerativo de um texto	28
2.2 Análise de um discurso religioso	33
2.3 O discurso religioso pelos meios de comunicação	36
2.4 A análise do discurso das Assembleias de Deus quanto aos usos e costumes	39
2.5 O posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação ..	42
3 ANÁLISE DO DISCURSO ASSEMBLEIANO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	47
3.1 Análise do posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação	47
3.2 Análise da proibição do uso do rádio na CGADB em 1937.....	52
3.3 Análise da proibição do uso do aparelho de televisão na CGADB em 1975	57
3.4 Análise da retirada da proibição do uso do aparelho de televisão no ELAD de 1999	60
3.5 Análise da proibição do mau uso dos meios de comunicação no ELAD de 1999	64
CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

A análise da história das religiões revela comportamentos, regras e leis que as normatizam. Normalmente, diferenciam-se os grupos religiosos analisando-se o vestuário, os gestos, as expressões e os costumes. No meio evangélico, especialmente no pentecostal, o estereótipo é dado por aquilo que os próprios pentecostais chamam de “usos e costumes”. As Assembleias de Deus teriam contribuído grandemente para que esse padrão de estética e doutrina pentecostal brasileira se sedimentasse no país.

No espaço evangélico os pentecostais se destacam no comportamento habitual, de tal modo que, segundo Joéde Braga de Almeida, “o rigor com que os pentecostais transitavam entre seus iguais religiosos identificou-os como ‘diferentes’”.¹ A história dos pentecostais, desde o início, mostra que esse grupo, dentre os evangélicos, também tem tido um crescimento explosivo e buscado determinada moralidade rigorosa. Berger ratifica isso quando afirma que “o componente mais numeroso dentro da explosão evangélica é o pentecostal, que combina ortodoxia bíblica e uma moralidade rigorosa com uma forma extática de culto e uma ênfase na cura espiritual”.²

As Assembleias de Deus estão inseridas dentro do grupo de pentecostais, denominação religiosa em que esta pesquisa se fundamenta. Nos últimos anos têm sido notadas muitas mudanças de comportamento dessa denominação frente aos usos e costumes, em específico o uso dos meios de comunicação. Para Almeida, “atualmente, as Assembleias de Deus não são mais tão radicais em relação aos ‘usos e costumes’”,³ isso requer atenção especial para análise das razões dessas mudanças.

A escolha das Assembleias de Deus para este estudo está fundamentada na importância da denominação na disseminação de uma cultura religiosa estética no país, pela influência política que esse grupo religioso tem na esfera pública nacional, pela importância que a religião tem para se compreender a sociedade e na afinidade do autor com essa comunidade religiosa. Quando o autor estava com apenas dois anos de idade, seus pais passaram a frequentar a denominação religiosa em uma igreja que era pastoreada pelo seu tio. Seus pais tornaram-se membros e posteriormente o pai foi consagrado ao cargo ministerial de presbítero nas Assembleias de Deus, dirigindo igrejas por vários anos. O autor por diversas

¹ ALMEIDA, Joéde Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil*. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007, p. 11.

² BERGER, Peter. A Dessecularização do mundo: Uma visão global. In: *Religião e Sociedade*, vol. 21, n. 1, 2001, p. 15.

³ ALMEIDA, 2007, p. 12.

vezes presenciou disputas internas geradas por causa dos usos e costumes da denominação, viu membros serem desligados e até membros dissidentes formarem novas denominações. Atualmente o autor pastoreia uma das igrejas das Assembleias de Deus no município de Alta Floresta D'Oeste, estado de Rondônia. A afinidade com a denominação religiosa e o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a temática dos usos e costumes com ênfase no uso dos meios de comunicação contribuíram fortemente na escolha do tema.

O estudo dos usos e costumes das Assembleias de Deus focou no surgimento, sedimentação e na avaliação das disputas internas ocasionadas nesse meio religioso, em específico o uso dos meios de comunicação. A ênfase da denominação na inserção desses costumes, era na pretensão de construir uma identidade, a de uma denominação capaz de apresentar aos demais grupos religiosos um modelo de segmento religioso separado. Interessa também pesquisar o porquê de muitas mudanças de posicionamento da instituição ao longo dos anos frente a práxis por ela adotada.

No entanto, após analisar as origens dessa denominação no Brasil e dos seus comportamentos, a pesquisa se norteará especificamente no uso que ela faz dos meios de comunicação. Estes sempre foram essenciais para a existência da denominação, pois não há religião destituída da prática da comunicação. Com base nisso, este trabalho investigará as origens dos meios de comunicação, procurando demonstrar o papel exercido por eles. Após isso, analisar-se-á o posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação, por meio da análise de texto aonde os discursos sobre esse posicionamento estão contidos, que é o objeto de pesquisa deste trabalho, identificando ainda os motivos que levaram a denominação a se posicionar de diferentes formas nesse assunto ao longo das últimas décadas. A prática sobre o uso dos meios de comunicação está inserida dentro das normas de usos e costumes da instituição.

A pesquisa sobre o posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação será feita por meio de uma análise bibliográfica e documental dos discursos proferidos nas Convenções Gerais das Assembleias de Deus no ano de 1937 e no ano de 1975, bem como a análise do discurso da decisão do ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) no ano de 1999, que citam a prática comportamental dos membros sobre o uso dos meios de comunicação.⁴ A análise se fundamentará tendo como referencial

⁴ A escolha desses três episódios por parte do autor se deu devido o mesmo considerar ser esse os três momentos mais marcantes dos discursos das Assembleias de Deus sobre o uso dos meios de comunicações. O discurso de 1937 porque trata do momento em que o uso do rádio é proibido para o uso dos membros, o discurso de 1975 trata da proibição clara do uso do aparelho de televisão e o discurso da decisão do ELAD porque trata da retirada

teórico a Análise do Discurso, que nos ajuda a identificar as ideologias contidas nos discursos, as características dos discursos, as práticas manipulativas contidas nos mesmos, etc. Para isso serão utilizados teóricos como Orlandi, Torresan e Barros.

A pesquisa se dividirá em três capítulos. No primeiro, abordará as origens dessa organização religiosa no Brasil e as noções de usos e costumes, investigando também sua finalidade, focando no exame desse conceito especificamente entre os pentecostais, grupo no qual a instituição está inserida. Na sequência, far-se-á um breve estudo das origens dos comportamentos e condutas dessa organização religiosa. A abordagem final recairá sobre o surgimento e o poder dos meios de comunicação, assunto que sempre recebeu muita ênfase por parte da denominação religiosa no trato de seus usos e costumes e que é o objeto de análise desta pesquisa.

No segundo capítulo, o foco recairá em uma investigação do que é a Análise do Discurso e de seus conceitos. Será diferenciando o que é texto, fala e discurso. Analisará a contribuição da Análise do Discurso para a compreensão dos discursos dos convencionais das igrejas Assembleias de Deus na defesa da inserção e manutenção do seu comportamento tendo como base textos que relatam esses discursos. A análise desses discursos presentes nos textos que serão analisados, será aplicada por meio do percurso gerativo do texto aplicada por meio da semiótica concebida por Greimas que contribui na finalidade de entender a forma de construção do sentido gerativo de um texto. Assim identificará as marcas ideológicas desses discursos religiosos, as características dos discursos religiosos e como estes se dão nos meios de comunicação. A análise seguinte prioriza o entendimento dos discursos empregados com o fito de inserir e manter os comportamentos e hábitos dessa instituição religiosa. A pesquisa dedica também em analisar o posicionamento da organização religiosa frente aos meios de comunicação já existentes na sua origem, e seu posicionamento com relação aos que surgiram no decorrer de sua existência.

O tema do terceiro capítulo será uma análise dos textos aonde está presente discursos dos convencionais das Assembleias de Deus na defesa de seus posicionamentos no uso dos meios de comunicação, buscando identificar a ideologia que sustentava seus discursos, as características dos discursos e se há presença das práticas manipulativas. Assim, serão analisados os discursos sobre a proibição do rádio na Convenção Geral das Assembleias de

da proibição do aparelho de televisão e as formas de uso aceita pela membresia deste e de outros meios de comunicação.

Deus no Brasil (CGADB) ocorrida em 1937⁵ e da televisão na CGADB deliberada em 1975⁶. Após analisar os discursos sobre a proibição do uso do aparelho do rádio e da televisão, o capítulo relatará por meio da Análise do Discurso a ideologia presente no discurso e a característica do discurso do Encontro de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD) no ano de 1999, ano em que houve a retirada da proibição da televisão, examinando ainda se houve contribuição de fatores externos ou não. O capítulo ainda trará à tona o resultado de uma investigação sobre quais motivos cooperaram para influenciar na proibição do mau uso dos meios de comunicação como a televisão, a internet, o rádio, o telefone, etc. no ELAD realizado em 1999, por meio da análise da ideologia identificada no discurso, bem como a característica do discurso e a prática manipulativa usada.



⁵ O ano de 1937 foi um momento conturbado na política e na sociedade brasileira. Neste ano foi implantado a ditadura do Estado Novo por Getúlio Vargas através do falso Plano Cohen. A ditadura do Estado Novo trouxe várias consequências para o povo brasileiro, dentre elas o controle dos meios de comunicações no país por meio do Departamento de Imprensa e propaganda (DIP). Em meio a esse período conturbado a CGADB se manifestaria de forma contrária ao uso do rádio. Cf. VAINFAS, Ronaldo et al. *História 3: ensino médio*. 3^a ed. São Paulo, Saraiva, 2017, p. 116.

⁶ No ano de 1975 o Brasil atravessava por diversos problemas sociais e econômicos oriundos da ditadura militar que foi implantada no país no ano de 1964. A ditadura militar controlou os meios de comunicação, artistas, intelectuais e jornalistas tiveram suas obras censuradas. Depois de várias manifestações contra a ditadura, economia desacelerada, inflação e a dívida externa aumentando, iniciaria o processo da abertura democrática no país a partir de 1974 quando Geisel assumiu o governo. A ditadura militar duraria ainda até 1985 com posse do presidente civil José Sarney. Cf. VAINFAS et al. 2017, p. 219-233.

1 A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS E DOS USOS E COSTUMES

A análise da história das Assembleias de Deus mostra uma instituição que prezou pela conservação dos seus comportamentos e hábitos, bem como por regras e leis que a regulamentariam. O exame desses hábitos e condutas demonstra muitas divergências ideológicas e alterações quanto à postura da denominação, o que causou até mesmo divisões de opiniões internas, bem como constantes discussões teológicas no âmbito da instituição. Ricardo Gondim trata dessas divisões quando afirma:

Denominações já experimentaram até cismas por causa de usos e costumes. Aquelas que se autointitulam 'Igrejas da Restauração' geralmente reagem contra o que consideram libertinagem em suas congregações. Com um conservadorismo sufocante, tentam restaurar os 'costumes dos nossos pais'; brigam com aqueles a quem chamam de liberais, acusando-os de jogar a igreja no esgoto do mundanismo. Entre eles, as mulheres que fazem uso de qualquer tipo de maquiagem recebem a pecha de 'Jezebel'; os que assistem à televisão são tachados de 'aliados do diabo'; os jovens que escutam qualquer tipo de música que não seja 'evangélica' são vistos como desviados.⁷

Observa-se na declaração acima a enorme importância que a denominação confere ao comportamento, que chega a provocar divisões no seu seio entre os conhecidos por manterem o conservadorismo na conduta e os denominados liberais. Tudo isso ainda se torna mais explícito quando averiguamos as declarações dos componentes dessa denominação religiosa e também as aparências físicas. Alencar escreve: "Quem é liberal nas ADs? 'Quando afirmamos que temos as nossas tradições, não estamos dizendo com isso que os nossos usos e costumes tenham a mesma autoridade da palavra de Deus, mas que são bons costumes que devem ser respeitados por questão de identidade de nossa igreja [...]'"⁸, os liberais não prezam em preservar as tradições. Consolidada entre as maiores denominações do Brasil, essa instituição apresenta comportamentos e hábitos que marcaram e ainda marcam sua história no país. Muitas pessoas relacionam o crescimento dessa igreja ao seu zelo quanto à conduta comportamental, como alerta Gondim:

Há, lamentavelmente, alguns que atrelam o crescimento de suas igrejas ao rigor nos usos e costumes. Eles saudosamente acreditam que sua denominação cresceu porque era rigorosa nesse item, e não como resultado de uma exuberante atuação do Espírito que capacitava e ungia os crentes para o mandato evangelístico.⁹

⁷ GONDIM, Ricardo. *É proibido: o que a bíblia permite e a igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 5.

⁸ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011*. 2012. 285 f. Tese de Doutorado, Universidade Católica de São Paulo/PUC, SP, 2012, p. 232.

⁹ GONDIM, 2001, p. 5-6.

A declaração de Ricardo Gondim também permite entender que alguns acreditam que o crescimento da denominação está relacionado à atuação direta do Espírito Santo, quando este capacita os crentes a anunciar o evangelho, sem nenhuma ligação com o zelo dos usos e costumes. Verifica-se também um pensamento divergente, segundo o qual esses comportamentos e práticas, em vez de ajudar o crescimento da denominação, prejudicam-no, o que se percebe claramente na afirmação de Silva:

A Assembleia de Deus, embora esteja aos poucos, acompanhando as transformações da sociedade e dos movimentos pentecostais atuais, ainda consta entre as igrejas que mais interpõem resistência às mudanças nos rígidos usos e costumes, prejudicando seu crescimento nos últimos anos.¹⁰

Observa-se que não há um consenso sobre a relação direta entre o crescimento da igreja com a aplicação dos usos e costumes. Não se pode relacionar o crescimento obtido por ela com os comportamentos que foram adotados. Para chegar num resultado mais aproximado sobre os motivos deste crescimento é preciso abrir caminhos para outros campos de visões, não ficando restrito na análise das contribuições que as condutas adotadas contribuíram, já que outras possibilidades de contribuições também existem.

Sobre todo esse cuidado das Assembleias de Deus no tratamento das normas dos usos e costumes, há quem afirme que desde a sua origem interessava à instituição deixar esse ideal bem claro aos fiéis. Todo esse interesse se justifica na tentativa de alcançar um ideal de separação do mundo com vistas à crença da segunda vinda de Cristo. A esse respeito, Pancieri relata que, “esta instituição religiosa surgiu com um ideal de separação do mundo, baseada na crença da segunda vinda iminente de Cristo, por isso era muito rigorosa nas questões éticas em sua origem, desenvolvendo uma série de usos e costumes”¹¹.

As Assembleias de Deus também fazem parte da história do pentecostalismo do nosso país.¹² Desde o início esse grupo, dentre os evangélicos, tem tido crescimento explosivo e tem se comportado de forma marcante. Os ensinamentos doutrinários das Assembleias de Deus no Brasil construíram e sedimentaram os usos e costumes da instituição, assunto que

¹⁰ SILVA, Cláudio José da. *A doutrina dos usos e costumes na Assembleia de Deus*. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, 2003, p. 18.

¹¹ PANCIERI, Ana Claudia Gobetti. Os usos e costumes nas Assembleias de Deus do Brasil. *Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, ES, v. 5, n. 1, p. 178-187, 2017, p. 178.

¹² A expressão “Pentecostalismo” vem do termo “Pentecostes”. O Pentecostes era uma festa judaica mencionada na Bíblia, no Antigo Testamento. No Novo Testamento o Pentecostes ganha um novo sentido, tratando da descida do Espírito Santo sobre a Igreja, conforme relato bíblico de Atos dos Apóstolos. FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP. 2006, p. 10.

será tratado nos itens a seguir. Eles terão como foco analisar a origem das Assembleias de Deus, os conceitos de usos e costumes, o que são costumes religiosos e para que eles servem, tratando ainda sobre a origem dos usos e costumes na denominação, finalizando sobre o surgimento e o poder dos meios de comunicação que, o seu uso faz parte da temática dos hábitos e comportamentos da instituição religiosa.

1.1 A origem das Assembleias de Deus

Analisar as origens das Assembleias de Deus no Brasil e trazer à tona as bases de seus comportamentos e hábitos, é um estudo que nos leva para o início do século XX, época das origens das Assembleias de Deus no Brasil. Nesse período, o Brasil estava vivenciando momentos de grande mudança na questão religiosa do país, décadas antes havia ocorrido a separação entre Estado e Igreja na Constituição do ano de 1891.¹³ Esse debate já acontecia no Brasil anos anteriores, pois na data de 07 de janeiro do ano de 1890 já havia sido decretado a liberdade de culto no país. “O Decreto abrangia a liberdade de culto, extinção do sistema de padroado e no seu substrato, a separação da Igreja com o Estado. Este Decreto durou até a promulgação da Constituição Republicana de 1891. A formulação desse decreto se deve a Rui Barbosa”¹⁴. Em meios a esses debates que davam os primeiros rumos ao caminho de uma liberdade de culto para outras religiões no país, origina as Assembleias de Deus.

A Assembleia de Deus no Brasil surge com a vinda dos missionários suecos Adolph Gunnar Vingren e Daniel Gustav Hogberg para Belém, no Pará, a bordo do navio Clement, no dia 19 de novembro de 1910. Ambos iniciaram essa viagem nos Estados Unidos da América, onde, no ano anterior, na cidade de Chicago, foram batizados com o Espírito Santo. Esses missionários eram da Igreja Batista, mas pregavam uma doutrina diferente da pregada pelos batistas no Brasil, acreditando no batismo com o Espírito Santo. Esse ensinamento levou alguns membros da Igreja Batista a crerem e posteriormente serem batizados pelo Espírito Santo. Como consequência disso, Araujo relata que, “segundo a Ata nº 222 da Igreja Batista de Belém, na sessão extraordinária de 13 de junho de 1911, treze pessoas se levantaram favoráveis ao ensino pentecostal e foram excluídos da igreja”¹⁵.

¹³ Cf. VAINFAS et al. 2017, p. 11.

¹⁴ SOUZA, Mauro Ferreira de. *A igreja e o estado: uma análise da separação da igreja católica do estado brasileiro na constituição de 1891*. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007, p. 162.

¹⁵ ARAUJO, Isael de. *Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 15.

Assim, em 18 de junho de 1911, um grupo de 18 irmãos iniciou a Assembleia de Deus com cultos na casa de Celina de Albuquerque, uma das pessoas excluídas da Igreja Batista de Belém, segundo consta na ata citada anteriormente. No início, as igrejas instituídas em Belém, no Pará, oriundas desse movimento, tinham o nome de Missão da Fé Apostólica, denominação alterada para Assembleia de Deus, em 1914. Em 11 de janeiro de 1918, conforme Araujo, foi registrado por Gunnar Vingren em cartório o estatuto da primeira Assembleia de Deus em solo brasileiro:

Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o Estatuto da igreja no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no livro A, Nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome Estatuto da Sociedade Evangélica Assembleia de Deus, número de ordem 21.320, do Protocolo nº 2.¹⁶

Conforme citações acima, 8 anos após a chegada de Gunnar Vingren e Daniel Gustav Hogberg ao Brasil, a Assembleia de Deus já havia se originada e sedimentada como Instituição religiosa no país, resultado de um grupo de dissidentes da Igreja Batista de Belém. Ao longo da história, as Assembleias de Deus sofreram várias perseguições, sob a forma de calúnia, intriga, delação e até agressão física. Estas últimas formas de perseguições foram utilizadas quando as calúnias não surtiram os efeitos desejados, qual seja, suprimir a nova denominação e evitar que absorvesse outras. Como as várias tentativas de barrar o crescimento das Assembleias de Deus foram em vão, recorreu-se à violência. Araujo afirma:

Vendo que a calúnia não surtira os efeitos esperados, o adversário resolveu usar a violência. De repente, as casas onde os crentes se reuniram passaram a ser apedrejadas, e estes começaram a ser gratuitamente insultados. Mas nada conseguia e nem conseguiu deter o ímpeto da Assembleia de Deus.¹⁷

Nas quatro primeiras décadas da instituição no Brasil a organização religiosa sofreu muitas perseguições por sua tentativa de se consolidar em território nacional com uma pregação totalmente pentecostal, enfatizando em suas mensagens a segunda vinda de Cristo. Como resultado de todo esse esforço, ela vivenciou um crescimento alarmante de aproximadamente 600.000%, comentado por Alencar:

A AD, que se inicia em 1911 com 20 membros, tem, segundo a estimativa de Read (1976:122), em 1930, 14.000 membros, e, em 1950, 120.000 membros, o que daria respectivamente 69,76% de crescimento em 19 anos, e 108.000% em 38 anos. No

¹⁶ ARAUJO, 2014, p. 18.

¹⁷ ARAUJO, 2014, p. 19.

total, são mais de 600.000% de crescimento nas primeiras quatro décadas. É uma taxa de crescimento anual de 15.000% ao ano.¹⁸

A entidade, dessa forma, teve, desde o início, forte crescimento, que até hoje permanece. Ao longo de todos esses anos da instituição religiosa no Brasil, nota-se seu próspero crescimento, embora uma análise da instituição sob outros aspectos revele muitas alterações ao longo desse tempo no que diz respeito aos comportamentos e práticas, mudanças que serão analisadas em momento posterior. Antes, no entanto, este trabalho se deterá na análise da conceituação de usos e costumes.

1.2 Conceituação de usos e costumes

A forte presença dos usos e costumes nas Assembleias de Deus é algo bastante visível. A presença de comportamentos próprios nesta denominação religiosa é fruto da busca de um padrão correto de conduta para os membros, acarretando num grande desafio que é o de não condenar ou afastar da cultura da sociedade na qual está inserida por medo de ceder ao mundanismo.¹⁹ Diante da importância dada por essa denominação quanto aos comportamentos e hábitos que se devem prezar é de fundamental importância entendermos o que é usos e costumes para esse grupo religioso, para que se possa entender melhor os discursos das Assembleias de Deus no que cabe aos usos e costumes tendo aqui como ênfase no uso dos meios de comunicação. Para Silva:

Aqui os usos e Costumes podem ser vistos como visão de mundo que certamente são utilizados pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, as restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso.²⁰

Muitas dessas práticas comportamentais são adotadas de forma espontânea e com o tempo se cristalizam devido a repetição do seu uso tornando princípios básicos do que é certo ou errado.²¹ Dentro dessa conduta de adotar algumas práticas de maneira espontânea, é evidente que nas Assembleias de Deus tradicionalmente são aceitas práticas ligadas a princípios bíblicos e são rejeitadas práticas que são consideradas como mundanismo ou

¹⁸ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus*. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 2000, p. 43.

¹⁹ SILVA, 2003. p. 32.

²⁰ SILVA, 2003. p. 35.

²¹ SILVA, 2003. p. 34.

padrões do mundo. Mundanismo ou mundo para essa denominação religiosa são as práticas ou os valores na sociedade que contrariam os princípios bíblicos ou os padrões ensinados pelos pioneiros das Assembleias de Deus.²²

Os usos e costumes nas Assembleias de Deus desde o início esteve ligado ao processo de santificação. Segundo Silva, “[...] para o crente pentecostal mostrar-se santificado, era preciso exteriorizar em sinais e por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciaram da sociedade inclusiva”²³. Diante do exposto é importante ressaltar que desde a conversão eram impostos costumes para os fiéis tendo como base a bíblia, ainda era estimulado a obediência plena procurando afastar das paixões e interesses mundanos com objetivo de que os fiéis não fossem contaminados.

1.3 O que são e para que servem os costumes religiosos?

Analisar o que são e para servem os costumes religiosos nesta pesquisa é de fundamental importância, pois, assim se torna possível uma melhor compreensão sobre os costumes e hábitos das Assembleias de Deus. Denominação religiosa que sempre prezou pela inserção de comportamentos e hábitos que, até nas suas vestes e nas falas demonstravam uma distinção social.²⁴ Para Lakatos e Marconi, “A maneira de viver de um grupo social implica normas de comportamento, muitas delas estabelecidas há tempos atrás”²⁵. Nas Assembleias de Deus as normas de comportamentos foram sendo sedimentadas por costumes assimilados por experiências nas convivências em lugares por onde os fundadores passaram antes mesmo da origem da denominação.²⁶

Lakatos e Marconi escreve que as normas de comportamento social se dividem em duas categorias, as normas *folkways* (usos) e as *mores* (costumes). As normas *folkways* (usos) são, “convenções, formas de etiqueta, celebração da puberdade, estilos de construções, rituais de observância religiosa, rotinas de trabalho e lazer, convenções da arte ou da guerra, maneiras de cortejar, de vestir etc”²⁷. Aqui se enquadra os usos e costumes religiosos, mas aqueles costumes que são adotados de forma espontânea, não imperativa, não tem caráter obrigatório, são reconhecidos e aceitos pela sociedade religiosa de forma espontânea.

²² SILVA, 2003. p. 35.

²³ SILVA, 2003. p. 36.

²⁴ Cf. ALMEIDA, 2007, p. 47.

²⁵ LAKATOS Eva M.; MARCONI, Marina A. *Sociologia Geral*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 140.

²⁶ Cf. ALMEIDA, 2007, p. 49.

²⁷ LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 140.

As normas *mores* (costumes), “tem caráter ativo e seu controle pode ser consciente ou inconsciente; são sancionados pela tradição e sustentados pelas pressões da opinião de grupos: ridículo, mexerico, castigos, não-aceitação. Como forma de controle natural, penetram nas relações sociais”²⁸. Essas normas enquadram os costumes religiosos impostos de forma imperativa e sustentado por pressão, tem caráter regulador, seu controle pode ser consciente ou inconsciente. Quem não conforma com as regras *mores* e que está inserido no grupo pela qual essas regras foram impostas está sujeito a uma desaprovação moral e uma reação violenta e séria por parte dos membros do grupo.²⁹

Sobre a temática da religião e de suas regras, há aqueles que afirmam que “a religião não é somente uma teologia ou um relacionamento de obediência ao criador, mas também uma resposta emotiva, a qual é expressa com ritos, cerimônias, orações, sacrifícios e leis”.³⁰ Nessa definição de religião explicita-se o conceito de manifestação de religião por meio de um conjunto de doutrinas, dogmas, cultos e rituais próprios. Nota-se ainda que as doutrinas, os dogmas, etc., surgem por meio da manifestação da religião. Dentro dos conceitos, traduzem-se também como o modo de pensar ou agir escrupulosamente, ou seja, dentro dos princípios. Esse modo de pensar ou agir resulta, quando praticado repetidas vezes sob a influência religiosa, no que se conceitua aqui como costumes religiosos.

Se os hábitos surgem quando algo é posto como prática por determinada sociedade, então os hábitos religiosos se impõem quando determinada sociedade religiosa dita comportamentos a ser observados pelos seguidores. Assim, os costumes religiosos perpetuam as práticas das denominações religiosas, sabendo-se que há variação de uma para outra. Sobre a prática dos usos e costumes nas Assembleias de Deus e a sua origem veremos no item a seguir.

1.4 A origem dos usos e costumes nas Assembleias de Deus

Ao analisar a história das Assembleias de Deus no Brasil, no que tange a seus usos e costumes, verifica-se que se dividem entre impostos e espontâneos, percebendo-se ainda, desde o princípio, grande preocupação da instituição com a construção e imposição dessas condutas. Os usos e costumes nas Assembleias de Deus fazem parte da identidade da

²⁸ LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 141.

²⁹ Cf. LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 141.

³⁰ BURNS, Barbara; AZEVEDO, Décio de; CARMINATI, Paulo Barbero F. de. *Uma introdução à antropologia missionária*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 63-64.

instituição, que se apresentou desde o início como grupo diferente³¹ dos demais que compunham a sociedade em geral na cidade de Belém.³² Sobre essa preocupação, Almeida escreve:

A ideia de ‘viver em santidade’, separados do mundo, condicionou-os a uma imposição de comportamento ascético entre os membros da sociedade cristã, em Belém e adjacências. Sem querer levantar a bandeira de uma religião, mas procurando a singularidade de vida em sociedade, os novos missionários, vindo de outra região do planeta, apontando o que identificaram como comportamento ‘mundano’ dos cristãos, procuraram incentivar seus comandados a se apresentar diante da sociedade como religiosos castos e pudicos apenas buscando uma valorização cristã na sociedade brasileira.³³

Identifica-se nas expressões acima, a enorme preocupação em viver uma vida separada dos prazeres do mundo, valorizando a vida cristã e se portando de forma prudente na sociedade. Nota-se na história das Assembleias de Deus que esses costumes foram inseridos por meio de influências de diversas regiões por onde os pioneiros passaram, trazidas pelos pioneiros ao Brasil. Almeida também escreve sobre isso:

Os costumes implantados pelos jovens missionários suecos foram mesclados de conhecimentos adquiridos entre seu país de origem, o tempo de sua convivência e aprendizado sobre o pentecostalismo na América do Norte e a convivência com os irmãos que foram excluídos da Igreja Batista, em Belém. Esses costumes, além da exposição de santidade dos fiéis, também os aproximavam da seriedade de seus comportamentos familiares europeus, em seu país de origem, e da fuga da promiscuidade, hábito comum entre a sociedade não evangélica. Neste campo incluem-se itens a respeito da alimentação, cultura, vestuário e comportamento social.³⁴

Toda essa procura de um padrão definido de usos e costumes tinha como objetivo expor o modelo doutrinário dos fiéis. Além disso, a liderança sempre se preocupou com a separação da sociedade não evangélica, o que se traduziu em diversos hábitos, como citado. Esse zelo pela temática dos usos e costumes sempre foi assunto de grande polêmica em toda a história da instituição.

Apesar de todo esse cuidado, essa temática foi debatida pela primeira vez em uma convenção das Assembleias de Deus em 1946, na cidade de Recife. Em um momento daquela

³¹ É interessante ressaltar que essa diferença deve ser analisada nos comportamentos adotados como um todo, como veste, alimentação, cultura, etc., não ficando restrita em um só item. Se fixar em um só item e comparar com outras sociedades da mesma época pode não haver tanta ou até mesmo diferença, mas, se analisar e comparar os comportamentos adotados em geral é possível notar a tamanha rigidez praticada e a diferença em alguns comportamentos por mais que a outra sociedade seja tão rígida no cuidado com a prática dos usos e costumes.

³² ALMEIDA, 2007, p. 47.

³³ ALMEIDA, 2007, p. 48.

³⁴ ALMEIDA, 2007, p. 49.

convenção, o pastor José Teixeira do Rego leu um artigo publicado no Mensageiro da Paz que ocasionara a maior polêmica em todo o Brasil naquele mesmo ano. O artigo relatava as decisões tomadas pelo Ministério da Assembleia de Deus em São Cristóvão, Rio de Janeiro, e continha regras quanto às vestimentas das mulheres. No artigo constava o que se lê a seguir:

Em vista do exposto, a igreja unanimemente, na sua sessão ordinária de 4 de junho de 1940, resolveu o seguinte: Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado ou tingido, permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiam simplesmente como convém às que professam a Cristo como salvador e rei. Os vestidos devem ser suficientes compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas. Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãs, diáconos professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam. Esta resolução regerá também as congregações desta igreja. As irmãs que não obedecem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminando este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião. Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus.³⁵

Toda a polêmica instalada resultou na retirada das regras pelo Ministério da Assembleia de Deus do Rio de Janeiro, na segunda quinzena de janeiro de 1947. Nos primeiros anos seguintes, o assunto não seria mais debatido. Mas o assunto voltou à tona em uma Convenção das Assembleias de Deus entre os dias 20 e 24 de janeiro de 1975, em Santo André, estado de São Paulo. Eis a decisão tomada nessa Convenção:

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida em Santo André, SP, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus. A pedido do pastor Túlio Barros Ferreira e lida pelo pastor Geziel Gomes.

1. Uso de cabelo crescido pelos membros do sexo masculino.
2. Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino.
3. Uso de pintura nos olhos, unhas e outros órgãos da face.
4. Corte de cabelo por parte das irmãs.
5. Sobrancelhas alteradas.
6. Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã.
7. Uso de aparelho de televisão.
8. Uso de bebidas alcoólicas.³⁶

Todos os itens citados acima se referem às proibições impostas aos membros das Assembleias de Deus por meio da decisão tomada nessa Convenção. Como os usos e costumes em todas as instituições não são perpétuos, mas sempre revistos e por diversas vezes alterados, o mesmo assunto foi novamente debatido em uma Convenção de 1995, conduzida

³⁵ DANIEL, Silas. Et. al. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, CPAD, 2004, p. 218.

³⁶ DANIEL, 2004, p. 438.

sob a direção do pastor Antônio Dionísio. Após debates acalorados, decidiu-se que o tema seria analisado pelo Conselho de Doutrina da CGADB³⁷. Nos anos seguintes, a questão foi debatida no Encontro de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD) no ano de 1999, em um ELAD no Rio de Janeiro, a seguinte decisão foi exposta ao público:

Os costumes em si são sociais, humanos, regionais e temporais, porque ocorrem na esfera humana, sendo inúmeros deles gerados e influenciados pelas etnias, etariedade, tradições, credences, individualismo, humanismo, estrangeirismo e ignorância. Convém atualizar essa redação omitindo a expressão ‘como doutrina’, ficando assim: ‘sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil’. Quanto aos oito princípios da Resolução, uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é:

1. Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos - (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);
5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8);
6. e uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).³⁸

As discussões dos usos e costumes das Assembleias de Deus foram muito acaloradas e implicou mudanças de posicionamentos. Isso se torna visível mediante a comparação entre a Convenção de Recife, de 1946, a de Santo André, em 1975 e a de 1995³⁹, sob a direção do pastor Antônio Dionísio. Nesse último encontro, que debateu muito o assunto, sem, entretanto, esgotá-lo, ficou a decisão a cargo do Conselho de Doutrina, o qual, depois de amplas discussões que incluíram o ELAD, respondeu por meio deste, no Rio de Janeiro, em 1999.

As mudanças de regras impostas, no que diz respeito aos usos e costumes, também podem ser facilmente notadas com base na análise das três decisões tomadas nos debates das três convenções já referidas. Nota-se que algumas regras foram retiradas, outras surgiram ou foram flexibilizadas. Uma regra debatida na Convenção de 1946 tinha sido imposta pela Assembleia de Deus, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, proibindo às irmãs da igreja o uso de

³⁷ É a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Ela é uma organização com a finalidade de agregar e coordenar as igrejas Assembleias de Deus no território brasileiro e deu os primeiros passos para seu início em reunião preliminar na cidade de Natal-RN, em 17 e 18 de fevereiro de 1929. Atualmente existe outras convenções das assembleias de Deus.

³⁸ DANIEL, 2004, p. 579.

³⁹ É evidente que muitos fatores contribuíram para que houvesse essas reações sobre a temática dos usos e costumes, como machismo, disputas de poder dos grupos, etc., mas a pesquisa não se fundamenta em descobrir quais fatores contribuíram, mas na análise dos textos em há presença dos discursos sobre o uso dos meios de comunicação.

cabelos soltos e recomendando o uso de meias. Essa regra desapareceu e não é mais imposta em novas resoluções de usos e costumes da igreja. Observa-se também o surgimento de novas normas na convenção de 1975, como a proibição de minissaias, televisão, bebidas alcoólicas, etc. Na resolução do ELAD de 1999, a regra sobre a proibição da tevê foi flexibilizada pelo mau uso dos meios de comunicação. Fica evidente, após a análise dos debates e das resoluções das três convenções, que os usos e costumes não são e nunca serão os mesmos, mudando de acordo com a cultura, que varia segundo as diferentes localidades e épocas.

É possível perceber que, o uso dos meios de comunicação está inserido dentro das normativas dos comportamentos e práticas da denominação, sabendo do seu poder de influência e indução em práticas contrárias daquelas prezadas pela igreja, as Assembleias de Deus se posicionaram no decorrer do tempo de várias formas sobre o uso dos meios de comunicação, sempre expressando de forma clara sua decisão com relação ao seu uso. Antes de analisar a importância da Análise do discurso para entender o discurso dos líderes da denominação com relação ao uso e costumes, iremos aqui analisar o surgimento e o poder dos meios de comunicação.

1.5 O surgimento e o poder dos meios de comunicação

Os meios de comunicação são as formas utilizadas para efetivar um processo de comunicação. A análise da história dos meios de comunicação entre os seres humanos revela que a comunicação se inicia no instante em que estes começavam a se entender com sussurros, gemidos, gritos e gestos pelos quais externavam intenções e indicavam objetos. Desde o início dos tempos, os seres humanos utilizavam diversos meios para se comunicar com os semelhantes. A necessidade desse processo se justifica pela vivência em grupos. Certamente a voz humana tornou o meio de comunicação mais natural.⁴⁰

Segundo Figueirôa, os indícios iniciais de comunicação entre os humanos estão relacionados à espécie conhecida por *Homo Erectus*: “O entendimento da fala veio da evolução do hemisfério esquerdo do cérebro. O *Homo Erectus* (400 mil anos atrás) não tinha o centro de fala muito desenvolvido e comunicava-se através de sussurros, gemidos e gestos”.⁴¹ A fala passa a ser utilizada como meio de comunicação pelo *Homo Sapiens*, que

⁴⁰ NETO, Pedro de Alcântara. *História das comunicações e das telecomunicações*. Disponível em: <http://www2.ee.ufpe.br/codec/Historia%20das%20comunicaes%20e%20das%20telecomunicaes_UPE.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

⁴¹ FIGUEIRÔA, Fábio Costa. *História da comunicação e dos meios*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/285200436/historia-da-comunicacao-e-dos-meios-pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

adquiriu a capacidade física para desenvolver essa função. Figuerôa elucidam essas afirmações:

Com o *Homo Sapiens*, fisicamente mais adaptado para a produção da fala, veio também uma grande evolução da linguagem e da fala. Para além da linguagem e da fala, o homem primitivo deixou-nos ainda outro legado, as pinturas rupestres.⁴²

Não somente Figueirôa concorda que o *Homo Sapiens* adquiriu capacidade de comunicação além do *Homo Erectus*. Dando um passo adiante na comunicação, o *Homo Erectus* utilizou a fala e as pinturas rupestres como meio de comunicação. Júnior concorda com Figueirôa quando escreveu que:

A grande capacidade cerebral do *Homo sapiens sapiens* (duas vezes sabido), espécie à qual pertencemos, ajudou-o a desenvolver a fala e uma série de habilidades manuais e artísticas, como as demonstradas nos desenhos em cavernas de vários lugares da terra.⁴³

As afirmações indicam que o *Homo Sapiens*, além de utilizar a fala como meio de comunicação, também se expressou por meio dos desenhos em cavernas. Com essa técnica, os homens primitivos tencionaram deixar mensagens para os pósteros. No decorrer dos tempos diversos meios de comunicação possibilitaram a globalização do mundo atual e reduziram o tempo de transmissão de mensagens, possibilitando o envio de mensagens de um ponto para outro do Mundo de forma rápida e acessível.⁴⁴

Desde os tempos mais antigos da humanidade, a comunicação é peça fundamental no sucesso das relações humanas. Os meios de comunicação têm contribuído profundamente na transmissão de informações e a cada instante se pode notar o seu poder na vida das pessoas. A partir dos gritos, sussurros, gestos, etc., que já contribuía para a socialização de desejos, intenções, sentimentos e planos dos indivíduos, facilitando o entendimento do grupo, nunca mais a humanidade se absteve dos meios de comunicação. As pinturas rupestres também apareceriam nesse contexto como meio de comunicação, além de apontarem para as habilidades desenvolvidas para o desenho.

Já nos primórdios da comunicação, os indivíduos recebiam as ordens, eram influenciados por ideias, interagem, e assim as ações sofriam influências, exercendo-se sobre outras ações, conforme explana Ferreirinha: “Pode-se identificar que o poder se encontra por

⁴² FIGUEIRÔA, 2018.

⁴³ JÚNIOR, Alfredo Boulos. *História: Sociedade & Cidadania*. São Paulo, SP: FTD, 2013, p. 27.

⁴⁴ Cf. FIGUEIRÔA, 2018.

toda parte[...]. O poder são as ações sobre as ações”⁴⁵. Por esses meios de comunicação já existentes, era possível identificar as relações de poder por meio das ordens dadas nas comunicações. Os meios de comunicação foram se diversificando e evoluindo, com o passar dos tempos, e seu poder sobre os indivíduos se tornaria ainda mais marcante e visível. A partir da década de 1930 e início da década de 1940, alguns meios de comunicação poderiam não só influenciar, mas também manipular os indivíduos, conforme afirma Martins:

A ideia de que a imprensa, a rádio e o cinema podem influenciar e manipular os indivíduos, vem desde o final dos anos 30, princípios dos anos 40. Podemos observar o caso do regime nazi que recorreu frequentemente a técnicas de propaganda para manipular multidões.⁴⁶

O regime nazista usava os meios de comunicação para propagar sua ideologia e, por meio de técnicas de propaganda, persuadir os indivíduos, conquistando a adesão a suas ideologias mediante o convencimento do caminho ideal a ser seguido. Portanto, percebe-se que a eficácia dos meios de comunicação depende do conhecimento do seu uso. No Brasil, o ex-presidente Getúlio Vargas também se apropriou dessa tecnologia para a propagação dos feitos e defesa de seu governo:

Os processos comunicativos e o homem evoluíram ao longo do tempo; com essa evolução a importância da comunicação e sua eficácia tornaram-se ainda mais necessárias, evidenciando nos processos de comunicação o uso da persuasão: capacidade de conduzir, convencer alguém a algo, habilidade inerente a poucos e distintos seres humanos. O que no último milênio foi aflorado, em dois momentos da história mundial, na Alemanha nazista, de Adolf Hitler, e no militarismo de Getúlio Vargas, no Brasil.⁴⁷

Quando os meios de comunicação passam a exercer poder sobre os indivíduos, entra em questão o direito à liberdade, ameaçado pela capacidade desses meios de persuadir, influenciando os indivíduos, que frequentemente agem sob essa influência e pressão. A liberdade é, então, questionada por alguns pesquisadores do tema, que concluem por sua impossibilidade, pois só existe, para eles, quando as influências externas passam pela ideia de racionalidade direta e exclusiva do indivíduo.

[...] A liberdade é representada como uma saída do estado de influências para uma entrada em um estado de total criação autônoma da vontade humana, quase como se

⁴⁵ FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Rap: Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, RJ, v. 44, n. 2, p. 367-383, 2010, p. 382.

⁴⁶ MARTINS, Gonçalo. *Influência da comunicação social na vida pública*. Disponível em: <http://alumni.ipt.pt/~goncalom/ECS-opiniao_publica.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

⁴⁷ COSTA, Priscila Marques da. *O poder da comunicação: persuasão como guia das massas*. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0611180303.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

existisse a possibilidade de o ser humano ser limitado pela realidade empírica. [...] as influências externas (ou qualquer influência que não passe por uma ideia de racionalidade direta e exclusiva do indivíduo) impossibilitariam a prática da liberdade pelo ser humano. O contexto em questão põe em dúvida, por exemplo, a liberdade que existe na compra de um brinquedo para uma criança, que pediu especificamente pelo objeto, que passara diversas horas em frente à TV ouvindo e assistindo a propagandas sobre o brinquedo em questão.⁴⁸

Os meios de comunicação exercem um controle social sistêmico-comunicativo tão grande que a compra de alguns produtos do cotidiano pode ser influenciada por eles. Nesse sentido, a televisão serve aos propósitos do *marketing*, influenciando o público a comprar determinados produtos. Esse *marketing* exercido pela televisão por comerciais revela seu objetivo de lucro, assegurado pela percepção dos fabricantes do seu poder de influenciar a compra. Esse poder é gigantesco a ponto de, em muitas ocasiões, contribuir para mudar opiniões políticas, posicionamentos legislativos e até forçar decisões judiciais, conforme comentado por Tocchetto:

O poder exercido pelo sistema da mídia se apresenta de forma a forçar a seleção (positiva ou negativa) de observações e provocações pelos sistemas, exercendo um imenso controle social sistêmico-comunicativo, um poder que, em exercício por um sistema corrompido e que corrompe, pode forçar vantagens a opiniões políticas, posicionamentos legislativos e mesmo forçar decisões judiciais, exercendo uma pressão na opinião pública, em um contexto em que se pende para o lado que lhe for apontado/pago ou que seja de interesse do próprio sistema.⁴⁹

Dessa maneira, o poder dos meios de comunicação de mudar posicionamentos atinge diversos setores da sociedade. A mudança de posicionamentos legislativos por esses meios pode ser percebida sempre que algum jornalista manifesta suas opiniões e ideologias, as quais interferem no resultado final do trabalho e mesmo contrariam frequentemente a imparcialidade do texto jurídico. Há quem relacione esse comportamento midiático à busca de altos índices de audiência, a exemplo de Franco:

Em sua busca permanente por altos índices de audiência, a mídia não apenas informa – e contraria constantemente a necessidade de imparcialidade do texto jornalístico, agregando sensações, impressões ou opiniões do emissor – como também transforma fatos corriqueiros e relativamente destituídos de relevância em casos emblemáticos. Esses são capazes de justificar o discurso criminalizante que atualmente se transmite pela sociedade, reproduzindo o temor ao delito, estilos agressivos de comportamento e a agravação das leis penais existentes.⁵⁰

⁴⁸ TOCCHETTO, Gabriel Zanatta. *O (Quarto) poder dos meios de comunicação em massa*. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/micimed2014_submission_16.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

⁴⁹ TOCCHETTO, 2018.

⁵⁰ FRANCO, Maria Eugênia Santana. Os meios de comunicação em massa e o sistema jurídico: a mídia como um instrumento de controle social. *Revista da Faculdade de Direito – UFU*, Uberlândia, MG, v. 44, n. 2, p. 268 - 291, 2016, p. 269.

O poder da mídia é capaz de valorizar fatos sem relevância nenhuma para a sociedade, modificando o modo de ser e de agir de muitas pessoas, e revolucionando realmente a vida de muitos indivíduos. Além disso, a mídia tem ditado padrões de beleza por meio de programas que indicam o corpo ideal ou a roupa ideal. Segundo Knopp, tais programas reforçam, por meio de imagens, um padrão de beleza considerado perfeito:

Programas de televisão, filmes, anúncios em revistas, fotos e imagens em calendários, etc., são todos bem iluminados, harmônicos, transmitindo e reforçando a imagem idealizada de perfeição. A exposição prolongada a essas imagens pode provocar efeitos negativos nos indivíduos e na sociedade como um todo. Homens e mulheres comparam sua atratividade física com as dos modelos dos anúncios e estas comparações, muitas vezes, levam a uma baixa autoestima [...], uma vez que a mídia tem o poder de criar e ditar padrões de beleza, moda e comportamentos.⁵¹

É o poder midiático que leva muitas pessoas a elevar ou reduzir a sua autoestima, mediante a comparação com os modelos apresentados nesses programas. No entanto, logo se percebe que o padrão de beleza anteriormente construído e impregnado na mente dos indivíduos é desconstruído por esse mesmo poder. As informações são transmitidas de modo a fazer crer que toda a realidade e a verdade estão sendo transmitidas por eles. Assim, as massas são controladas, a opinião da coletividade é formada e o comportamento humano é influenciado. Segundo Franco: “Os meios de comunicação em massa, como instrumentos formadores de opinião da coletividade, bem como influenciadores do comportamento humano, mostram-se, na atualidade, como mecanismos de controle social informal ou não-formal”⁵².

Não há possibilidade visível de retirada desse poder dos meios de comunicação, questionando-se seu posicionamento ideológico, ao abrirem mão da imparcialidade na transmissão das informações. O próprio Franco está entre aqueles que sugerem como deveria ser seu posicionamento nessa função:

É inegável que a imprensa desempenha um papel-chave na conquista do pensamento de segmentos sociais como a classe média, que é a principal responsável pelo consumo de jornais e revistas do país. Essa batalha, no entanto, é pautada no mito da objetividade e imparcialidade da imprensa. Esse mito sugere que, salvo nos jornais de cunho ideológico ou partidário, a imprensa deveria se colocar em uma posição neutra, deixando os leitores tirarem suas próprias conclusões.⁵³

⁵¹ KNOPP, Glauco da Costa. *A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea*. Faculdade de Comunicação/UFBA; Salvador, Bahia, 2008, p. 5-6.

⁵² FRANCO, 2016, p. 269.

⁵³ FRANCO, 2016, p. 271.

Esse poder dos meios de comunicação na formação do pensamento e na capacidade de contribuir para mudanças de posicionamento de cunho ideológico, ao que se nota, estende-se às instituições religiosas, que deles se utilizam para a transmissão de mensagens. Importa ressaltar que a religião e a comunicação estão sempre ligadas, não sendo possível haver religião sem meios de os indivíduos se comunicarem. A comunicação pode existir sem a religião, mas para esta, a comunicação é peça fundamental. O rádio e a televisão são dois desses meios que influenciam com eficácia os indivíduos e, ao notar esse papel, diversas denominações passaram a usá-los para a transmissão de mensagens religiosas, como declara Jungblut:

No Brasil, outrossim, pode-se perceber que o rádio e a televisão – os MCM mais eficientemente usados e/ou desejados para veiculação de mensagens religiosas – têm sido utilizados por grupos representantes das principais modalidades religiosas aqui existentes. Nota-se a presença de grupos católicos, evangélicos, espíritas e afro-brasileiros utilizando-os.⁵⁴

As Assembleias de Deus inserem-se nesse grupo de instituições religiosas usuárias desses meios de comunicação. Mas, conforme se nota, essa utilização não se manifestou em toda a sua história. Esse assunto será analisado no segundo capítulo considerando-se o percurso gerativo do texto, um aspecto da Análise do Discurso.

⁵⁴ JUNGBLUT, Airton Luiz. Transformações na comunicação religiosa: análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. *CIVITAS – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, RS, v. 12, n. 3, p. 453-468, 2012, p. 457-458.

2 ASSEMBLEIAS DE DEUS, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ANÁLISE DO DISCURSO

Para uma análise mais profunda do posicionamento das Assembleias de Deus frente aos meios de comunicação, tendo como objetivo o estudo mais preciso do estabelecimento desse comportamento diferenciado dessa denominação ao longo de sua história, serão aqui utilizados alguns conceitos da Análise do Discurso como, o discurso e o texto que propiciará o estudo dos discursos das Assembleias de Deus e de suas ideologias para defenderem seu posicionamento. Inicialmente, será necessário definir Análise do Discurso, discurso e texto, bem como explicar como pode ser aplicada à semiótica de Greimas para analisar o sentido de um texto por meio do percurso gerativo, já que a pesquisa aplicará essa ferramenta para a análise de textos em que há presença de discursos das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação. Fará ainda a análise de um discurso religioso, e em seguida, será mapeado o posicionamento das Assembleias de Deus no uso dos meios de comunicação para a posterior aplicação da Análise do Discurso de linha francesa na identificação das ideologias presentes no discurso.

2.1 A Análise do Discurso e o percurso gerativo de um texto

A Análise do Discurso, prática linguística no campo da comunicação, é a ciência que tenciona analisar as estruturas de um texto para compreender as construções ideológicas nele presentes. Mais que uma análise textual, é uma análise contextual, entendendo as ideologias contidas em dado discurso como construídas e influenciadas pelo contexto social do autor.⁵⁵ Entre as diversas linhas de Análise do Discurso existentes, escolheu-se aqui a linha francesa.

A Análise do Discurso surge na França no final dos anos 1960, quando Michel Pêcheux propõe a teoria da Análise do Discurso. Michel Pêcheux, nascido em Tours, em 1938, e falecido em Paris, em 1983, é o fundador da escola francesa de Análise do Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Para propor sua teoria, Michel Pêcheux baseou-se em estudos de Canguilhem e Althusser. Nessa perspectiva, o objeto de estudo não é mais a frase, mas o discurso, não se apreciando mais palavra por palavra para a obtenção da interpretação em si mesma. A Análise

⁵⁵ ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007, p. 19-20.

do Discurso tem o objetivo de conhecer o caráter histórico da linguagem, leva em conta o homem e sua história.⁵⁶ Assim refere Orlandi, ao elucidar o pensamento de Pêcheux:

O discurso é definido por este autor como sendo efeitos de sentidos entre locutores, um objeto sócio histórico em que o linguístico está pressuposto. Ele critica a evidência do sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido.⁵⁷

A Análise do Discurso busca compreender como os processos discursivos são constituídos, ou seja, como se formam os discursos. Michel Pêcheux era apaixonado pelo termo discurso e defendia o rompimento com o caráter essencialmente político para a determinação dessa palavra. O discurso reúne língua, sujeito e história na sua constituição. Ele é a história na língua. Por ser uma materialidade linguística e histórica, no discurso também se observa a relação entre língua e ideologia. Todo discurso é carregado de ideologia, como afirma Brasil: “Os efeitos de sentido produzidos no discurso são evidenciados pela história, por efeitos ideológicos, como se os efeitos do discurso fossem já neutros, *a priori*”⁵⁸.

Para o analista do discurso, este não é simplesmente um processo em que alguém fala e outro assimila a fala. O discurso não é simplesmente uma transmissão de informação. Segundo Pêcheux, “discurso é o efeito de sentidos entre locutores. Assim sendo, não há o intuito de transmissão de informações tão somente”⁵⁹.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.⁶⁰

Na ótica da Análise do Discurso, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo consciente, e seu discurso é afetado e interpelado pela ideologia. Crendo-se livre e individual, e acreditando estar o tempo todo consciente, esse sujeito produz um discurso dotado de inconsciente. Assim, a Análise do Discurso não concebe os indivíduos como donos de suas vontades, livres para dizer o que quiserem, com intenções dirigidas por plena consciência. Para esse campo de estudo, todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Como afirma Orlandi, “podem-se distinguir os

⁵⁶ ORLANDI, 2007, p. 16.

⁵⁷ ORLANDI, Eni. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, BA, n. 1, p. 9-13, 2005, p. 11.

⁵⁸ BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, GO, vol. 15, n. 1, p. 171-182, 2011, p. 177.

⁵⁹ BRASIL, 2011, p. 178.

⁶⁰ ORLANDI, 2007, p. 15.

discursos principalmente por duas perspectivas: as normas e as instituições nas quais estão filiados. Temos então o discurso científico, o discurso religioso, o discurso político”⁶¹.

Ao tratar de Análise do Discurso é preciso entendermos os conceitos de discurso para Análise do Discurso e o conceito de texto. Como o próprio nome indica ela trata do discurso, apesar de a língua e a gramática também lhe interessar. Segundo Orlandi, “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”⁶².

Na procura de entender a língua fazendo sentido, esse modelo de estudo faz da linguagem uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Sobre texto Orlandi escreve que “o texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte”.⁶³ Assim o analista aborda o texto e remete a um discurso, esse por sua vez é remetido a uma formação discursiva, ganhando sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica naquela conjuntura. Os textos para os analistas também são documentos que ilustram ideias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras.⁶⁴

Dentro destes conceitos esta pesquisa se baseia na análise de textos em que está contido discursos assembleianos sobre os usos e costumes concernentes aos meios de comunicação. Para realizar essa análise será aplicada a semiótica concebida por Greimas em que possibilita entendermos percurso gerativo de um texto para construção do sentido.

A semiótica concebida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmico-linguísticas da Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais, conforme Barros, “essa linha teórica parte do princípio de que, para construir o sentido do texto, é preciso conceber seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo”⁶⁵. Essa teoria não se preocupa só com o texto, mas também com os elementos dos contextos. Sendo assim, assemelha-se à Análise do Discurso ao levar em conta os elementos contextuais, com a preocupação de, segundo Barros, “[...] descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”⁶⁶. A Análise do Discurso pode então apropriar-se dessa teoria sem perder suas características fundamentais, analisando o elemento contextual do texto e as ideologias nele contidas.

⁶¹ ORLANDI, 2007, p. 86.

⁶² ORLANDI, 2007, p. 15.

⁶³ ORLANDI, 2007, p. 63.

⁶⁴ Cf. ORLANDI, 2007, p. 63-64.

⁶⁵ BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 13.

⁶⁶ BARROS, 2005, p. 12.

O objeto de estudo da semiótica é apenas o texto verbal ou linguístico? O texto, acima definido por sua organização interna e pelas determinações contextuais, pode ser tanto um texto linguístico, indiferentemente oral ou escrito – uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças – quanto um texto visual ou gestual – uma aquarela, uma gravura, uma dança – ou, mais frequentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão – uma história em quadrinhos, um filme, uma canção popular.⁶⁷

Por essa teoria, o percurso gerativo de sentido de um texto passa do mais simples e abstrato para o mais complexo e concreto, no qual o sentido só pode ser compreendido em três níveis, o fundamental, o narrativo e o descritivo. O nível fundamental compreende a etapa mais simples e abstrata. É o nível das estruturas fundamentais, que determina o mínimo de sentido à ideia central em que o texto é constituído. O segundo nível, o narrativo, é o das estruturas narrativas, organizado sob o ponto de vista de um sujeito. Nesse nível os valores fundamentais são desenvolvidos. No nível discursivo, a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. Esse é o patamar mais superficial, em que as estruturas narrativas se convertem em estruturas discursivas assumidas pelo sujeito da enunciação, responsável pelos atos do discurso.⁶⁸

As oposições semânticas do nível fundamental são o primeiro passo para a compreensão da narratividade que se desenvolve em determinado sentido. Nesse nível, aparecem dois termos contrários, que se organizam dentro de um mesmo eixo semântico. As oposições são expressas por valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico), e determinam o argumento do texto. Compreende-se aí que o texto fala de amor e ódio, morte e vida, céu e inferno, etc. São as ideias-células em que o texto é composto.⁶⁹

No nível narrativo, os valores fundamentais são desenvolvidos sob o ponto de vista do sujeito, que nele assume a narração, simulando a história. Esse nível é composto de quatro fases: manipulação, competência, *performance* e sanção. A manipulação se dá quando um sujeito é manipulado por outro para efetivar determinada ação. A competência ocorre quando o sujeito já manipulado recebe qualificações para cumprir certa prática. A *performance* aparece quando o sujeito já manipulado e dotado da competência para agir pratica a ação. Na fase final, com a sanção, surge o resultado da ação, positivo (recompensa) ou negativo (punição).⁷⁰

⁶⁷ BARROS, 2005, p. 12.

⁶⁸ Cf. BARROS, 2005, p. 13.

⁶⁹ Cf. BARROS, 2005, p. 14.

⁷⁰ Cf. TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007, p. 98.

No nível discursivo acontece a última etapa desse percurso. É o mais próximo do plano de expressão de um texto e a ele se chega geralmente pela análise de expressão. “Nesse contexto, as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas assumidas pelo sujeito da enunciação”⁷¹. Pela semiótica pode-se entender que a estratégia de manipulação em dado discurso é uma ação de um indivíduo sobre outros, com a finalidade de executar determinado programa, passando por quatro fases: a sedução, a tentação, a intimidação e a provocação.⁷²

Essas quatro fases de manipulação podem ser encontradas em todos os tipos de discurso. Nos discursos sempre há propósitos. Para a Análise do Discurso, todo discurso é interpelado pela ideologia. Ao ser proferir um discurso, o sujeito já tem determinada intenção, selecionando previamente do que proferirá. Na manipulação por sedução e tentação a intenção é trabalhar com a imagem positiva do destinatário. Essa postura assumida pelo sujeito que tenciona manipular o outro tem como objetivo seduzir e tentar o destinatário a querer fazer algo. Nesse discurso a ideia de seduzir o sujeito à execução de algo faz com que ele possa acreditar que o exercício da prática terá resultado positivo.⁷³

As demais formas de manipulação, a provocação e a intimidação, trabalham com a imagem negativa do destinatário, levando-o a acreditar que deve fazer algo. Esse discurso busca provocar e intimidar o sujeito a praticar algo, anunciando-lhe determinada punição caso não o faça. O sujeito que utiliza o discurso manipulador se apropria dessas formas com vistas a atingir determinado domínio e controle do destinatário, e assim atingir seu objetivo, interpelado por uma ideologia.⁷⁴

Quando a Análise do Discurso é aplicada pelo caminho da semiótica greimasiana, percebe-se a ideia central do discurso e como ele está sendo construído, assim como o modo como o sujeito assume a narração e qual ponto de vista manifesta ao proferir seu discurso, além de permitir a busca do contexto histórico que enseja sua produção. Essa análise ainda examina as escolhas dos mecanismos discursivos usados pelo sujeito que enuncia o discurso e os efeitos obtidos, identificando à formação ideológica em que o texto se insere. Essa análise pode ser aplicada no discurso religioso para entender os mecanismos de manipulação que estão sendo usados pelo enunciador do discurso e entender seus efeitos. Essa aplicação será feita no capítulo seguinte, antes analisaremos as características de um discurso religioso.

⁷¹ TORRESAN, 2007, p. 98.

⁷² Cf. TORRESAN, 2007, p. 98.

⁷³ Cf. TORRESAN, 2007, p. 98-99.

⁷⁴ Cf. TORRESAN, 2007, p. 98-99.

2.2 Análise de um discurso religioso

O discurso religioso está presente em quase todos os lugares em que a comunicação se estabelece, todavia, é possível perceber algo ligado à religião em vários discursos estabelecidos. Todavia, o discurso religioso, que se manifesta nas igrejas, nos meios de comunicação, com programas religiosos, nos livros sobre religião, etc., tem características diferentes no modo de manifestação, das quais uma das mais marcantes é que, enquanto nos outros discursos o sujeito se transforma naquele do qual ele ocupa o lugar, no discurso religioso ele fala do lugar de Deus e transmite suas palavras.⁷⁵

No discurso religioso as práticas persuasivas são emblemáticas, existe uma colaboração quase impossível por parte do receptor e uma imposição de palavras do destinador sobre o destinatário. Essas características cooperam para que o discurso religioso seja compreendido como autoritário. Ele se utiliza de muitas metáforas, e seus argumentos e técnicas persuasivas se apropriam de comparações implícitas de fácil identificação, com a presença frequente das palavras céu e inferno, bom e mau, Deus e diabo.⁷⁶ Entretanto, o jargão também surge como uma forma discursiva, e para aqueles que não pertencem à comunidade religiosa, constitui um problema, revelando um grau de compreensão muito complexo.

O discurso religioso se manifesta por vezes de forma imperativa, impondo-se verbalmente em vocativos cristalizados, expressões consolidadas e expressões como Todo-Poderoso e Pai Eterno, seguindo padrões diferentes dos outros discursos, cujo destinador fala ao destinatário por si mesmo. Como já dito, no discurso religioso o destinador fala em nome de Deus ao destinatário, trazendo uma mensagem divina e construindo um texto cheio de significação própria e pareceres individuais.⁷⁷ O discurso religioso é produzido, na maioria das vezes, em locais de prática religiosa. Melo reflete:

Essas práticas envolvem o uso do discurso associado na maioria das vezes a rituais, com a finalidade de doutrinar, ou seja, incutir pensamentos, crenças, valores simbólicos e, conseqüentemente, regular comportamentos. Podemos pensar, então, que o discurso religioso é aquele que se propõe a doutrinar um conjunto de fiéis leigos, propondo a eles orientações de ordem espiritual e comportamental a partir de um conjunto de princípios previamente definidos, que se pautam num amálgama das ordens do humano e do divino, do terreno e do sobrenatural.⁷⁸

⁷⁵ Cf. TORRESAN, 2007, p. 96.

⁷⁶ Cf. TORRESAN, 2007, p. 97.

⁷⁷ Cf. TORRESAN, 2007, p. 96.

⁷⁸ MELO, Mônica Santos de Souza. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religiosa. In: MELO, Mônica Santos de Souza (Org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte, MG: NAD/FALE/UFMG, 2017, p. 144.

No discurso religioso não existe diálogo entre emissor e receptor, nem tampouco troca de opiniões, pois é constituído por um só personagem, o destinador. Faz parte dessa modalidade de discurso a ideia de que a mensagem transmitida é professada por Deus e o emissor só a reorganiza, além da ideologia de que essa mensagem é verdade imutável e inquestionável. Assim, o emissor recebe a mensagem acreditando não haver argumento ou mecanismo capaz de modificar os argumentos daquele que fala em nome de Deus. O destinador, munido de tais argumentos, então doutrina, incute pensamentos, impõe usos e costumes, etc.⁷⁹

Esse discurso contribui para que o emissor tenha o poder da palavra. Segundo Melo, “a obediência por parte do fiel é proveniente da crença de que, acatando o que é determinado, ele será recompensado e que, desobedecendo, estará, de alguma forma, ameaçado”⁸⁰. Essa é uma das formas mais visíveis de persuasão, em que o destinatário apoia-se na fé a ponto de acreditar em todo o discurso proferido pelo destinador, sem comprovação empírica. A persuasão se fundamenta na autoria indiscutível e na possível punição da transgressão. Na autoria indiscutível, porque o destinador fala em nome de Deus e sua fé leva a crer que Deus é a fonte da verdade absoluta, o onisciente. Na possível punição pela transgressão, porque o destinatário é levado a crer que a desobediência às orientações dadas nos discursos tidos como leis de Deus o leva a um castigo.⁸¹

Assim como em outros discursos, os religiosos também sofrem variações, dependendo do lugar, do momento ou da situação. O mesmo falante pode mudar o discurso inúmeras vezes, de acordo com o contexto social. Nesse momento fica claro como o sujeito é interpelado pela ideologia e como seu discurso é carregado pelo contexto em que se insere. O sujeito destinador muda o discurso dependendo do grau de formalidade exigido pelo contexto em que está. Para Cabral, “as variedades que dependem do receptor e da situação são: os registros, nos quais podem ser observados vários graus de formalismo; a modalidade que pode ser escrita ou oral; e a sintonia”⁸².

Vale ressaltar que, o discurso religioso, independentemente das variações que sofre em dado momento ou situação, conserva seu caráter autoritário e persuasivo, sua interação entre emissor e receptor é sempre comprometida na comunicação pelo fato de o autor do discurso ser Deus e o emissor falar em nome dele. O emissor é um organizador do discurso,

⁷⁹ Cf. TORRESAN, 2007, p. 96.

⁸⁰ MELO, 2017, p. 144.

⁸¹ Cf. TORRESAN, 2007, p. 97.

⁸² CABRAL, L. S. *Introdução à linguística*. Rio de Janeiro: Globo, 1988, p. 207.

aquele que transmite a mensagem autoritária e persuasiva sem espaço para interação. O discurso é transmitido pelo destinador, mas lhe não pertence. Não se verifica o processo de reversibilidade, ditam-se os mandamentos de Deus e inexistente livre arbítrio do destinatário.⁸³

O discurso religioso se fundamenta em dois planos, o temporal e o espiritual, baseando-se sempre em oposições. “Como os mundos – temporal e espiritual – são opostos e afetados de um valor hierárquico, a negação tem um efeito invertido quando referidas às diferentes ordens do mundo”⁸⁴. Essas oposições se fundamentam no plano temporal, tido como mortal, falível, finito e efêmero. Já o plano espiritual é reputado como imortal, infalível, infinito e eterno. O discurso religioso, carregado dessa ideologia, situa o plano temporal como o lugar onde os homens são carregados de valores negativos, enquanto no plano espiritual habita uma recompensa, sendo esse plano carregado de valores positivos. A obediência a esse discurso leva a essa recompensa do plano espiritual, constituindo o caminho para a salvação.⁸⁵

O destinatário crê que a desobediência aos mandamentos professados pelos destinadores é uma desobediência ao próprio Deus. Os destinadores, em nome da soberania de Deus, proíbem e ordenam, apropriando-se dessa obediência inquestionável dos destinatários e se intitulando como transmissores da voz de Deus, persuadindo seus ouvintes a atender seus próprios desejos. Tudo isso contribui para que o discurso religioso se caracterize como majoritariamente persuasivo.⁸⁶

Para atingir essa persuasão são necessárias, como já dito, técnicas de manipulação, utilizadas por meio de quatro estratégias: a sedução, a provocação, a tentação e a intimidação.

Na sedução, o destinador do discurso trabalha com uma imagem positiva de seus destinatários a fim de fazê-los querer algo (ex.: Você é uma pessoa tão generosa, tão boa, tenho certeza que vai me ajudar); na provocação, o trabalho do destinador do discurso é com uma imagem negativa dos destinatários (ex.: Livre-se dessa sua imagem de sovina, empreste-me um dinheiro); na tentação, o destinador trabalha com aspectos positivos sobre a ação dos destinatários (ex.: Se você comer toda a verdura, a mamãe leva você ao parque); na intimidação, os aspectos negativos sobre a ação dos destinatários são levados em conta (ex.: Acho melhor você estudar se não quiser ser punido).⁸⁷

Essas técnicas são manifestadas no discurso religioso. A sedução pode ser identificada quando o líder religioso utiliza um discurso dizendo ao fiel que ele “é tão abençoado por Deus financeiramente, que certamente ajudará a igreja comprar algo”. A provocação pode ocorrer no momento em que o fiel ouve que deve “sair desse estado de

⁸³ Cf. TORRESAN, 2007, p. 96.

⁸⁴ ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987, p. 233.

⁸⁵ Cf. TORRESAN, 2007, p. 97.

⁸⁶ Cf. TORRESAN, 2007, p. 97.

⁸⁷ TORRESAN, 2007, p. 98-99.

pobreza, ofertando à obra de Deus para receber a recompensa”. A tentação ocorre quando o líder religioso diz ao fiel que “se ele obedecer à voz de Deus, terá a vida eterna”. A intimidação surge em frases do tipo: “se não obedecer a voz de Deus, terá castigo eterno”.

Conclui-se, portanto, que o discurso religioso função fundamentalmente persuasiva, com a constante de manipulação do destinatário pelo destinador. Tal manipulação torna-se facilitada porque este fala em nome de Deus e o discurso é proferido como de origem divina. Assim, o destinatário é envolvido na manipulação sem nenhuma troca de informações, o que culmina com a irreversibilidade ente enunciadores do discurso. Qualquer desobediência do destinatário leva à punição, e qualquer obediência deste leva a uma recompensa. A seguir será feita uma análise de como se estabelece o discurso religioso pelos meios de comunicação.

2.3 O discurso religioso pelos meios de comunicação

O discurso religioso não está limitado aos templos. Hoje é possível perceber ele cada vez mais frequente pelos meios de comunicação. A mídia é um instrumento técnico que influencia de forma direta o processo de comunicação. O uso dos meios de comunicação pela religião vem crescendo a cada momento e com isso os discursos nos meios de comunicação vão frequentemente aumentando.⁸⁸ A religião sempre gerou grande impacto na sociedade, dividindo-a ou reagrupando-a por meio da ideologia. Quando os discursos religiosos são propagados pelos meios de comunicação o nível abrangência se torna maior e o efeito causado também é elevado. Os discursos religiosos, para muitos, trazem seu sentido de vida, sempre carregados de esperança para os obedientes. Essas esperanças vão além do plano temporal, sempre efêmero e finito, fundamentando-se no plano espiritual, eterno e infinito.⁸⁹

Quando um discurso religioso se estabelece na mídia, está sujeito a formular ofensas ou elogios ao receptor, mesmo que não intencionalmente. Como os discursos, para a Análise do Discurso, são interpelados por ideologias, que se podem contrapor, eles podem satisfazer uns e frustrar outros.⁹⁰ O Brasil, país laico, permite que diversos grupos religiosos se apropriem dos meios de comunicação para seus discursos, aumentando o risco de agrado e desgosto dos receptores das mensagens religiosas dos destinadores. A respeito, Melo comenta:

⁸⁸ Cf. PATRIOTA, Karla Regina Macena P. A aliança entre a religião e a mídia. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=302&cod_boletim=16&tipo=Artigo>. Acesso em: 08 set. 2018.

⁸⁹ Cf. TORRESAN, 2007, p. 97.

⁹⁰ Cf. ORLANDI, 2007, p. 46.

Sabemos da importância da religião como uma prática social responsável por propagar doutrinas e dogmas, além de influenciar diretamente a vida do fiel, ditando e moldando comportamentos. Devido a isso, é mais nítida ainda essa forte relação entre discurso midiático e discurso religioso, pois os dispositivos midiáticos auxiliam, nesse momento, a propagação da fé.⁹¹

Os meios de comunicação são utilizados pela religião pela rapidez e flexibilidade de informações, além da facilidade de contato com o público, que garante ao discurso religioso o alcance de seu objetivo de forma mais eficaz. Para muitos, esse processo é conhecido como midiatização do discurso religioso, fenômeno que se mostra no Brasil atualmente. Esse processo “através da relação entre mídia e religião permite aos fiéis acompanhar o fazer religioso nos próprios lares a partir da comodidade que as mídias oferecem”⁹². Os fiéis, por meio dessa midiatização, recebem o discurso religioso de forma indireta, bem como sua doutrinação religiosa. Nesse processo os discursos religiosos não se restringem aos templos e os fiéis podem receber suas instruções religiosas mesmo em casa.

Os discursos religiosos no Brasil cresceram de forma tão marcante que é possível notar sua presença diária nos meios de comunicação. Em muitos casos, segundo Patriota, “trata-se, inclusive, de uma estratégia para garantir suas existências sociais, através da visibilidade projetada, principalmente, pela televisão”⁹³. Os discursos religiosos contribuem para a sustentação e difusão da religião, confirmadas por pesquisas abalizadas e elaboradas por entidades específicas. Segundo Patriota. “[...] o ISER – Instituto de Estudos da Religião, [indica] o crescimento religioso viabilizado também pela mídia tem sido tão grande que, apenas em um estado como o Rio de Janeiro, se chega a abrir cinco igrejas por semana”⁹⁴. O discurso religioso pelos meios de comunicação também pode ser entendido como uma nova forma de fazer religião.

O discurso religioso na mídia, apesar de voltado a um público maior que nos templos, não tem perdido as características dos discursos proferidos nos templos, como a manipulação dos ouvintes e o autoritarismo.⁹⁵

O discurso religioso com seu efeito de sentido surgido a partir da mensagem comunicativa, encontra nos meios de comunicação uma combinação convincente para tal, dada a possibilidade de acesso a essas mensagens de diferentes formas, como mensagem falada ou escrita, imagens, sons, etc. Assim, eles têm sido ferramenta fundamental para a

⁹¹ MELO, 2017, p. 88-89.

⁹² MELO, 2017, p. 89.

⁹³ PATRIOTA, 2018.

⁹⁴ PATRIOTA, 2018.

⁹⁵ Confira sobre o discurso religioso na mídia em PATRIOTA, 2018.

transmissão dos discursos religiosos, com um crescente número de destinatários manipulados, tendo em vista que o número de pessoas que assistem a programas cristãos de rádio e TV vem crescendo, especialmente entre os neopentecostais.⁹⁶ Sobre esses discursos religiosos Silva caracteriza que eles:

[...] são apoiados nas mensagens de apelo emocional, pelas multidões de pessoas que compartilham e testemunham histórias de problemas das mais variadas formas com mensagens de fácil assimilação sob a mediação de pastores - apresentadores que contavam com argumentações cada vez mais convincentes.⁹⁷

Além dessas características, tem sido notado que os discursos religiosos nos meios de comunicação têm um poder de manipulação tão intenso que, “a forte presença da argumentação no discurso religioso midiático e o grande número de pessoas que se envolvem com tal discurso a ponto de fazerem peregrinações para conhecerem igrejas, padres ou pastores, [...]”⁹⁸ inquietaram outros locutores midiáticos a atentar nas práticas utilizadas a fim de replicar seu desempenho. Esses argumentos, quando bem apropriados às técnicas de manipulação, persuadem os alocutários a seguir os ensinamentos tidos como divinamente inspirados.⁹⁹

O discurso religioso nos meios de comunicação conserva a ideologia da mesma modalidade daquele pregado no templo: Também pelo rádio ou pela televisão o emissor do discurso transmite uma mensagem em nome de Deus e está munido dessa autoridade para discursar. O destinatário, receptor fiel do segmento religioso do destinador, deve então se portar da mesma forma daquela que se porta ao ouvir uma mensagem pregada no templo, sabe que deve obedecer para receber a recompensa, caso contrário será punido.

O discurso religioso conforme analisado tem se apropriado de argumentos de manipulação. Argumentos que são capazes de manipular os fiéis a aceitarem o discurso como sendo do próprio Deus. Os líderes das Assembleias de Deus têm usado de diversos discursos para justificarem seus posicionamentos frente aos usos e costumes. Analisaremos a seguir a forma em que tem se manifestado esses discursos frente aos usos e costumes.

⁹⁶ Cf. SILVA, André Luiz de Castro; ARAÚJO, Marcelo Marques. Táticas argumentativas no discurso religioso midiático neopentecostal. Disponível em: <<https://doi.galoa.com.br/sites/default/files/10.21745/ac06-14.pdf>>. Acesso em: 24 de mar. 2018.

⁹⁷ SILVA, ARAÚJO, 2018.

⁹⁸ SILVA; ARAÚJO, 2018.

⁹⁹ Cf. TORRESAN, 2007, p. 97.

2.4 A análise do discurso das Assembleias de Deus quanto aos usos e costumes

As Assembleias de Deus, em toda a sua história, primaram pela manutenção dos usos e costumes. Esses comportamentos e práticas por ela defendidos contribuíram para o que hoje é chamado por muitos como identidade assembleiana. Com o argumento da busca de santidade e defendendo a separação do mundo, criaram um formalismo pentecostal destacado entre as demais entidades religiosas. Toda essa ideologia se consumaria na prática por meio das vestes, do modo de falar, etc. Essas diferenças identificariam os assembleianos como diferentes ou radicais religiosos.¹⁰⁰

A análise do discurso das Assembleias de Deus quanto à defesa da sua inserção e manutenção dos usos e costumes revela forte presença ideológica de santidade. Segundo Almeida, “A ideia de viver em santidade, separados do mundo, condicionou a uma imposição ascética entre os membros da sociedade cristã, em Belém e adjacências”¹⁰¹. Percebe-se que não há nenhum interesse em levantar a bandeira de defesa e propagação de uma nova religião, mas de se apresentar de modo diferente dos demais membros da sociedade, buscando a valorização cristã, diferença essa que levou a criar usos e costumes tidos como fundamentais à vida em santidade.

Todo o discurso das Assembleias de Deus para inserir as práticas e condutas tidos como o padrão de Deus para os fiéis é referenciado com algum texto bíblico. Para Silva, “neste processo de aquisição e construção cultural evangélica dos usos e costumes, aparece bem claro o que vem sendo sustentado pelos textos sagrados e repetido e reforçado pelos pastores da igreja como padrão de consciência e comportamento dos crentes”¹⁰². Essa seleção de textos bíblicos para embasar os comportamentos e práticas ajudou a promover a sua aceitação pelos fiéis e a construir o discurso de que este atuaria no processo de santificação pois, para os fiéis, a Bíblia é tida como palavra de Deus e condena a vaidade. No entanto, Silva questiona:

Quando se pensa em vaidade para a maioria dos pastores evangélicos da Assembleia de Deus, pensa-se imediatamente da questão do trajar e adornos. Uma das questões a serem feitas é: por que só se fala em vaidade quando relacionada a joias, pinturas e trajes femininos, e por que não aos trajes masculinos?¹⁰³

¹⁰⁰ ALMEIDA, 2007, p. 47.

¹⁰¹ ALMEIDA, 2007, p. 48.

¹⁰² SILVA, 2003, p. 21.

¹⁰³ SILVA, 2003, p. 38.

O discurso em defesa de um padrão de procedimentos e práticas, ao que se nota, volta-se mais veementemente às mulheres, dando a entender a presença forte de uma ideologia machista da instituição. Em nenhum momento, em todo o discurso sobre usos e costumes, levou-se em questão os ternos caríssimos, a pintura de cabelo para os homens, os anéis, etc. Diante disso a indagasse: por que o que constitui vaidade para as mulheres não o é para os homens? O que é impuro nas mulheres é santificado nos homens? Dentre as exceções de regras contidas nos comportamentos e hábitos aplicados tanto a mulheres quanto para homens, nota-se a que regulamenta o uso dos meios de comunicação. Alencar já notara a presença desse machismo nas Assembleias de Deus:

‘Machismo nordestino’? Sim, mais uma especificidade e exclusividade nordestina? O machismo sueco, talvez, aqui tenha sido muito mais cioso que o nordestino. Estes, homens pobres e semiletrados; aqueles, homens europeus brancos, formados na mesma escola da sueca (Nystron foi contemporâneo de Frida no Instituto Bíblico), aceitam ser dirigidos por uma mulher? E acrescente-se também machismo gaúcho. Paulo Leivas Macalão ‘sentiu de Deus’ ir para a periferia de Madureira porque Frida ‘tomou a frente dos cultos’.¹⁰⁴

Como já dito, uma das características do discurso religioso é o autoritarismo. O líder fala em nome de Deus para o fiel, cumprindo a função de intermediário. Na citação acima além de perceber a não aceitação da liderança de uma mulher é notável a presença dessa característica autoritária, quando, Alencar relata a conduta de Paulo Leivas Macalão. O líder, confirmando que o seu sentimento era proveniente do sentimento de Deus, usa a imagem de Deus para sustentar determinada ação. Segundo Torresan, “o autoritarismo presente no discurso religioso pode ainda ser apoiado pela instauração de um desnivelamento entre o sujeito central Deus e os destinatários desse discurso (o povo/fiel), ambos situados em planos diferentes”¹⁰⁵.

Para as igrejas Assembleias de Deus era também muito importante o fiel portar-se de modo simples na sociedade, e com isso, em seus discursos, determinavam alguns ritos a seguir, para que essa vida de simplicidade se confirmasse. Como reflete Almeida, “roupas coloridas, camisas e calças de cores ‘berrantes’, vermelho e amarelo, os homens, jovens ou idosos, eram proibidos de usá-las, pois perderiam a ‘simplicidade do crente’”¹⁰⁶. A vaidade era rejeitada as Assembleias de Deus, para eles a simplicidade era um processo de abstinência da vaidade.

¹⁰⁴ ALENCAR, 2012, p. 121.

¹⁰⁵ TORRESAN, 2007, p. 97.

¹⁰⁶ ALMEIDA, 2007, p. 71.

Os discursos construídos pelas Assembleias de Deus a fim de inserir e sedimentar os comportamentos e hábitos contou com vários mecanismos de apoio, como cânticos¹⁰⁷ que faziam alusão aos usos e costumes, apoiando-se e exortando aqueles que não observavam os procedimentos. Nos cultos ao ar livre também se proferiam discursos em defesa das condutas e práticas, bem como nos cultos públicos de domingo à noite, que deveriam ser voltados à evangelização, e por diversas vezes foram usados para a propagação dos procedimentos e práticas da instituição.¹⁰⁸

Se por um lado o discurso das Assembleias de Deus investia na ideologia de o fiel levar uma vida de santidade e simplicidade, por outro lado preocupava-se com a conservação de usos e costumes que manteriam o fiel afastado do mundo, representado como uma aversão aos valores cristãos. Em nenhum momento deveria ser aceita uma conduta de vida em que o fiel participasse dos valores mundanos, como assegura Silva:

Na linguagem cristã escrita, a palavra ‘mundo’ adquiriu conotação pejorativa, o que para os pentecostais e principalmente a Assembleia de Deus, mundanismo é imitar as práticas que a sociedade impõe como valores e que muitas vezes contradiz aos padrões que esta igreja considera como bíblicos, e que afeta os padrões ensinados pelos pioneiros desde a fundação desta igreja.¹⁰⁹

Viver uma vida de santidade longe dos hábitos do mundo era argumento muito frequente nos discursos das Assembleias de Deus para sustentar os usos e costumes. Para eles, essas condutas e hábitos eram de fundamental importância para a santidade. Defendiam que uma das recompensas era a esperança de que, na segunda vinda de Cristo à terra, os fiéis subiriam ao céu. Essas táticas de manipulação discursiva religiosa por tentação levariam muitos fiéis a obedecer aos procedimentos e práticas na esperança de obter a recompensa e fugir da punição pela desobediência. Tal promessa era, segundo Torresan, “[...] recoberta pela figura do céu e da recompensa divina, que constitui uma estimulante tentação para que os fiéis nunca abandonem as doutrinas pregadas”¹¹⁰.

Os convertidos à nova religiosidade cristã, pentecostal, a maioria oriunda das camadas pobres da população, inicialmente aceitaram com mais facilidade um ascetismo extramundano, uma visão sectarista da sociedade e uma postura de repressão do sexo. [...] Até porque nessas comunidades, o êxtase proporcionado pela presença do Espírito Santo é a espera da segunda vinda iminente de Cristo à terra.¹¹¹

¹⁰⁷ Confira na íntegra a letra desses hinos e quais alusões de costumes esses hinos faziam defesa em: ALMEIDA, 2007, p. 74-78.

¹⁰⁸ ALMEIDA, 2007, p. 71.

¹⁰⁹ SILVA, 2003, p. 35.

¹¹⁰ TORRESAN, 2007, p. 97.

¹¹¹ CAMPOS, *apud* ALMEIDA, 2007, p. 50.

Dentro desse discurso, a única saída para a recompensa do fiel é a obediência ao discurso. A utilização dessa manipulação tinha como consequência a aceitação dos usos e costumes inseridos e o controle sobre os fiéis. De acordo com Torresan, “com essa trama ideológica, aqueles que se propõem transmitir a palavra divina têm seguramente a possibilidade de instaurar formas de controle e de manipulação”¹¹². O item a seguir relatará o posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação.

2.5 O posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação

Como não é possível pensar em religião sem notar o processo de comunicação que ela utiliza, o objetivo aqui se norteia na análise do posicionamento das Assembleias de Deus em relação ao uso dos meios de comunicação. Desde sua origem no Brasil, no início do século XX, as Assembleias de Deus sempre se posicionaram claramente quanto ao uso dos meios de comunicação. Esse posicionamento mudou bastante no decorrer dos anos, mas sempre ficou bem clara sua maneira de pensar e de se comportar. Em 1917, as Assembleias de Deus já se preocupavam em utilizar o jornal como meio de publicação.

Lançado em novembro de 1917, em Belém do Pará, pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero (1ª história, Conde, 1960:41), parece ter tido um único número. Na primeira página há uma matéria autojustificativa: ‘Voz da Verdade’ (o título é um primor para o movimento nascente), é uma publicação gratuita, não visa contenda (mesmo com este título?), não está ligado a nenhuma associação e ‘não é propriedade de uma seita’. Diz-se, ainda, um ‘orgam devotado a propagar a Fé Apostólica’ [...].¹¹³

Desde então, as Assembleias de Deus passaram a se utilizar constantemente desse meio de comunicação. Pela citação acima, entre os primeiros jornais, indiretamente ligados a ela, estaria o jornal Voz da Verdade, lançado pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero. Apesar de ter tido um único número, em 1919 surgiria o primeiro jornal com o objetivo de propagar as doutrinas centrais das Assembleias de Deus, e nos próximos anos outros jornais seriam criados, como relata Araújo:

A preocupação com a unidade se materializa no cuidado demonstrado quanto à fundação e manutenção de um veículo que propagasse as doutrinas centrais do segmento, e foi dentro desta perspectiva que surgiria em 1919 o jornal Boa Semente. O Boa Semente, primeiro jornal do segmento, reinaria absoluto até 1929, quando surgiu o Som Alegre, jornal de vida relativamente curta, pois duraria cerca de um

¹¹² TORRESAN, 2007, p. 97.

¹¹³ ALENCAR, 2000, p. 68-69.

ano, saindo de circulação juntamente com o Boa Semente. Os dois jornais deixariam de existir e dariam lugar a um periódico único, O Mensageiro da Paz.¹¹⁴

O *Mensageiro da Paz* ainda hoje é utilizado como meio de comunicação da instituição. Após a organização religiosa passar a usar o jornal como veículo de comunicação, nos anos seguintes preocupou-se com o posicionamento frente a outro meio de comunicação, o rádio. Na tarde de 12 de outubro de 1937, na cidade de São Paulo, revelou-se uma preocupação da CGADB em tratar da utilização do rádio. Abrindo o referido assunto, o missionário suíço Albert Widemer, pastor até então da Assembleia de Deus em Blumenau, começou seu discurso na CGADB questionando a licitude da igreja de pregar o evangelho pelo rádio. Os debates na Convenção reconheciam alguns benefícios do rádio, mas alertavam também para perigos. Concluiu-se que os fiéis poderiam aceitar convites para pregar, cantar e tocar em emissoras, mas não poderiam ter aparelhos de rádio em seus lares, como relembra Daniel:

Aberto que foi o assunto, vários irmãos falaram, mostrando como o rádio tem servido, já em diversas partes, como benção para transmitir as verdades de Deus, não obstante vermos também os perigos que o mesmo pode trazer no caso de os crentes se apegarem ao rádio, não querendo mais ir às igrejas e, mesmo que apenas adquirindo rádios, contaminando-se com as músicas mundanas e outras palestras prejudiciais que o mesmo pode trazer. O senhor nos ajudou nesse ponto, pois no finalizar, todos estavam de comum acordo de que devemos sempre aceitar os convites para cantar, tocar e pregar pelo rádio e aproveitar tais oportunidades quando trazidas por Deus. Mas quanto à questão de ter rádio, no momento atual, a Convenção achou que não devemos ter.¹¹⁵

Mesmo com essa proibição, em 1947 o missionário das Assembleias de Deus, o americano Lawrence Olson¹¹⁶, iniciava em Lavras, Minas Gerais, o primeiro programa da comunidade pentecostal. Os anos seguintes serviriam para que as Assembleias de Deus avançassem na utilização desse meio de comunicação, criando um serviço de evangelização pelo rádio em vários estados, conforme relata Araújo:

O programa do pioneiro do radioevangelismo na igreja Assembleia de Deus Lawrence Oslon, ainda que sob forte oposição, foi ao ar em 1947, na Rádio Cultura de Lavras, em Minas Gerais. Em 1950, o pastor José Gomes Moreno, da cidade de Curitiba, deu início ao programa 'Voz Evangélica das Assembleias de Deus', pela

¹¹⁴ ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. O mensageiro da paz: 1930-1990 uma história do sagrado. *Revista Eletrônica – Cadernos da FAEL*, Nova Iguaçu, RJ, v. 1, n. 1, p. 1-15, RJ, 2008, p. 2.

¹¹⁵ BRITO, Sylvio. Ata da 4ª e 5ª reuniões convencionais. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano VII – n. 22, 2 quin. nov. 1937, p. 4.

¹¹⁶ A utilização do primeiro programa de rádio por Lawrence Olson estando ainda em vigor a proibição do uso do aparelho de rádio não gerou nenhum tipo de punição para ele. Lawrence Olson era homem, branco, estrangeiro e sustentado pela missão americana. A cobrança quanto a obediência dos usos e costumes aqui não é aplicada. Quais motivos seriam? Se fosse uma mulher não poderia ser diferente? Ou se fosse um brasileiro?

Rádio Guairacá. Em janeiro de 1955, Lawrence Oslon lançou pela Rádio Tamoio o histórico programa 'Voz das Assembleias de Deus'. Ainda no ano de 1955, o pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos propôs à igreja de São Luís no Maranhão a criação de um serviço de evangelização pelo rádio. Sendo aprovada a proposta, o programa utilizou, num primeiro momento, os estúdios da Rádio Ribamar, transferindo-se, no ano de 1956, para a Rádio Timbira do Maranhão. Também do ano de 1955, foi ao ar o programa 'O Som do Evangelho' na igreja de Belém do Pará. Com a transferência de Alcebíades Pereira de Vasconcelos, em 1960, da capital do Maranhão para a capital do estado do Pará, a igreja Assembleia de Deus da cidade Belém entraria numa nova fase do radioevangelismo, posto que toda a experiência de Vasconcelos nas rádios de São Luís serviu para reestruturação da radiofonia evangélica na capital paraense.¹¹⁷

A inserção das igrejas Assembleias no rádio não aconteceu sem inúmeros debates. Temia-se, no início, que a participação em programas controlados por sociedades evangélicas de um segmento tradicional fosse uma tentativa desses segmentos de controlar a condução da mensagem pentecostal. "A Convenção também tinha sérias reservas quanto à associação da igreja a sociedades evangélicas de transmissão de rádio, uma vez que estas organizações eram encabeçadas por igrejas protestantes históricas, como a igreja Batista"¹¹⁸. Mesmo diante desses temores, as Assembleias de Deus continuaram expandindo seus programas de rádio. Com o passar dos anos, a restrição do uso do rádio pelos fiéis foi perdendo a força, e isso fica evidente quando os membros da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil se reuniram em Santo André, estado de São Paulo, entre 20 e 24 de janeiro de 1975, e reafirmaram o ponto de vista da igreja quanto aos comportamentos e hábitos, não mais figurando o rádio entre as proibições de usos e costumes:

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;
4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados);
5. Sobrancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;
8. Uso de bebidas alcoólicas.¹¹⁹

¹¹⁷ ARAÚJO, Israel. (Coord.) *Dicionário Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro. ed. CPAD, 2007, p. 726-726.

¹¹⁸ BRITO, 1937, p. 4.

¹¹⁹ DANIEL, 2004, p. 438.

Mesmo o rádio não sendo proibido, o seu uso pelos fiéis nessa resolução criaria uma polêmica quanto aos usos dos meios de comunicação pelas Assembleias de Deus, incrementada mais tarde pelo uso de outro meio de comunicação, a televisão, que entrou no centro das discussões e a princípio teve também seu uso proibido aos fiéis. Essa proibição duraria até 1999, quando o ELAD atualizou a resolução de Santo André, e a lista de proibição dos usos e costumes não continha mais o uso do aparelho de televisão, mas o mau uso dos meios de comunicação, entre eles a televisão. Essa lista de usos e costumes seria ratificada na 40ª Convenção Geral de 2011 como ainda válida, constando na lista seis itens.

- 1-Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
- 2-As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);
- 3-Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);
- 4-Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);
- 5-Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e
- 6-Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).¹²⁰

Na lista de proibições já não figura o aparelho de televisão. O fiel, no entanto, pode possuir um aparelho de televisão ficando proibido somente o seu mau uso, assim como da internet, do telefone, etc. Fica evidente que meios de comunicação recentes como a internet não passaram despercebidos pelas Assembleias de Deus, que trataram do seu emprego. O início da internet no país se deu no final dos anos de 1980 e seu uso estava restrito ao meio acadêmico e científico, popularizando-se a partir de maio de 1995 conforme consta a citação a seguir.

A Internet no Brasil se desenvolveu junto ao meio acadêmico e científico no final dos anos 1980, e no seu início, o acesso era restrito a professores e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Somente em maio de 1995 a internet deixou de ser privilégio das universidades e da iniciativa privada para se tornar de acesso público.¹²¹

O crescente uso da internet e de outros meios de comunicação e seu poder de influência na vida dos usuários, ao que parece, despertaram a atenção das Assembleias de Deus, que em 1999 proibiram seu mau uso. No capítulo seguinte, será aplicada uma análise restrita nos comportamentos da denominação frente ao uso dos meios de comunicação, tendo como base os discursos proferidos nas Convenções Gerais das Assembleias de Deus nos anos

¹²⁰ DANIEL, 2004, p. 579.

¹²¹ MANCILLA, OMAR REYES. *A importância da internet para o desenvolvimento das vendas no Brasil*. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1111390013.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

de 1937 e 1975 e no discurso da decisão do 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) no ano de 1999. A análise será feita por meio da Análise de Discurso, afim de identificar a ideologia presente no discurso, as táticas de manipulação usada, a característica do discurso utilizado e a forma do sujeito (líderes da denominação) na hora da enunciação do discurso.



3 ANÁLISE DO DISCURSO ASSEMBLEIANO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

As Assembleias de Deus se posicionaram de diferentes modos, ao longo de sua existência, em relação ao uso dos meios de comunicação. Quando se analisa esse posicionamento variável entre a proibição do uso e do mau uso percebe-se que sempre houve justificava para tal. É possível também identificar, de forma mais ampla, os motivos que influenciaram determinado posicionamento na sua manifestação. Esses motivos serão identificados e examinados com detalhes nos itens a seguir.

3.1 Análise do posicionamento das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação

Para analisar o discurso sobre o posicionamento das Assembleias de Deus com relação ao uso dos meios de comunicação e identificar a ideologia presente no discurso, é fundamental considerar a importância de analisar o dizer desse discurso em que, segundo Orlandi, “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”¹²². Ao analisar o discurso desse grupo religioso é nítido que ele sempre se justifica com um discurso que fundamenta na ideologia de um viver em santidade. O discurso de um viver em santidade condicionou-os a uma separação dos demais grupos religiosos e “foi o diferencial que os identificou como diferentes ou radicais religiosos”¹²³, tendo esse discurso usado como base na tomada de decisões por diversas vezes em que a instituição se reuniu para tratar do assunto.

O discurso de santificação no modo de viver, atingiria até a maneira de como se comportar no uso dos meios de comunicação. Segundo Almeida, o objetivo desses costumes implantados era, “[...] a perfeição de seus seguidores, tendo como propósito a presença do Espírito Santo na vida do fiel, através de sinais, denominados por estes como dons do Espírito Santo, tais como falar em línguas estranhas (glossolalia), curas, milagres e visões”¹²⁴. Além dessas recompensas que os fiéis receberiam, havia outras como a espera da segunda vinda iminente de Cristo à terra e a esperança de serem arrebatados nela.¹²⁵

¹²² ORLANDI, 2007, p. 38.

¹²³ ALMEIDA, 2007, p. 47.

¹²⁴ ALMEIDA, 2007, p. 49.

¹²⁵ Cf. ALMEIDA, 2007, p. 50.

Na análise desse discurso religioso utilizado para implantação dos comportamentos e hábitos da denominação, fica evidente que, o fiel que preza em seguir esses ensinamentos recebe como recompensa, os dons do Espírito Santo, curas, milagres, visões e a esperança de serem arrebatados na segunda vinda de Cristo. Por outro lado, aquele que não se submete às observâncias desses hábitos e comportamentos fica numa situação de impureza, de pecador e desprovido dessas recompensas. O discurso religioso nas Assembleias de Deus utilizados para inserir as práticas e os procedimentos que os fiéis deveriam seguir, tinha como referencial a Bíblia, conforme citação a seguir.

A formação do ideal pentecostal dependia de uma dinâmica que incentivasse os melhores costumes, abolisse vícios considerados mundanos e inserisse costumes cristãos observados na Europa e nos Estados Unidos, usando a Bíblia como referencial prático.¹²⁶

A apropriação da Bíblia¹²⁷ como referencial no discurso das Assembleias de Deus, para então justificar os dogmas quanto ao uso dos meios de comunicação que foram sendo implantados ao longo de sua história, é uma prática constante dessa denominação. Por meio do comportamento de uma leitura dogmática dos textos bíblicos, os líderes da denominação religiosa se posicionaram com um discurso de intérprete legítimo desses textos. Essa legitimidade dada por esse meio tem como propósito evitar contradições. Essa afirmação pode ser corroborada nas palavras de Benatte quando escreve que, “a leitura dogmática, ou ortodoxa, visa legitimar a instituição, autorizando-a como intérprete legítima, ao mesmo tempo em que busca minimizar as ambiguidades, contradições e desvios das leituras individuais e coletivas”¹²⁸.

A apropriação ou a interpelação de uma ideologia bíblica por parte do enunciador do discurso, torna-se tão nítida quando se identifica a ideologia de santificação presente no discurso. Sob o argumento de que os costumes eram fundamentais para uma vida em santificação tendo como um dos alvos a espera da vinda iminente de Cristo à terra,¹²⁹ é identificada aqui a presença de uma ideologia bíblica (Hb. 12:14) que diz, “segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”¹³⁰. Nota-se que é a mesma

¹²⁶ ALMEIDA, 2007, p. 50.

¹²⁷ A apropriação da bíblia com finalidade de justificar a implantação dos dogmas pode ter sido um argumento para acobertar o real motivo. Os verdadeiros motivos poderiam ter sido outros como práticas machistas, ingênuas, militarizadas, etc.

¹²⁸ BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção. *Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 12, Nº, 01, Jan/Jun, p. 9-30, 2012, p. 27.*

¹²⁹ Cf. ALMEIDA, 2007, p. 50.

¹³⁰ BÍBLIA de estudo pentecostal. Almeida revista e corrigida. CPAD, 1995, p. 1919.

ideologia usada para a inserção dos usos e costumes, à de viver uma vida de santificação esperando a vinda de Cristo.

Esse discurso religioso também tem características já anteriormente observadas por Torresan, quando já afirmava que, “portanto, podemos sugerir que a ideologia do discurso religioso cristão sustenta-se nas oposições: plano espiritual *versus* plano mortal; salvação *versus* castigo; fé *versus* pecado”¹³¹. Em conformidade a esse pensamento percebe-se que, há um discurso de recompensa para aqueles que prezam em seguir os ensinamentos dos usos e costumes da instituição no plano espiritual (os dons do Espírito Santo, curas, milagres, visões e a esperança de serem arrebatados na segunda vinda de Cristo), em contrapartida aqueles que não seguem esses ensinamentos permanecem no plano mortal onde ficam desprovidos dessas recompensas.

Quando nesse discurso há um argumento de que, aqueles que o aceitam recebem recompensas e sendo uma dessas os dons do Espírito Santo, o fiel é induzido a aceitar tal discurso. Se o destinador do discurso é um que já foi recompensado com os dons do Espírito Santo, esse discurso se torna ainda mais eficaz, pois além de ser um exemplo daquele que já foi recompensado, os dons recebidos do Espírito Santo manifesto no destinador do discurso também levam a aceitação do discurso pelos seus destinatários, pois esses entendem que os dons recebidos já são uma graça suficiente para obter o entendimento da Bíblia, legitimando assim o discurso do religioso e contribuindo na sua aceitação. Por meio desse mecanismo utilizado, o discurso das Assembleias de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação se consolida na aceitação desses fiéis pentecostais, pois “a ênfase teológica e pragmática nos dons do Espírito Santo como graça suficiente para o entendimento das Escrituras é uma das características marcantes do pentecostalismo”¹³².

Se por um lado o fiel que decide em seguir os comportamentos e hábitos da denominação religiosa é recompensado com os dons do Espírito Santo, com curas, com milagres, com visões e com a esperança de serem arrebatados na segunda vinda de Cristo, por outro lado, aquele que adota um regime de vida desvinculado dessas ideologias defendidas pela denominação recebe uma punição de não ser recompensado, ficando assim no plano mortal, no castigo e no pecado. Essa prática discursiva é chamada de manipulação discursiva por tentação, onde por meio dela o fiel é tentado a seguir os ensinamentos.¹³³

¹³¹ TORRESAN, 2007, p. 97.

¹³² BENATTE, 2012, p. 17.

¹³³ Cf. TORRESAN, 2007, p. 99.

A ideia de utilizar a Bíblia conforme citado anteriormente como referencial teórico para justificar a implantação dos comportamentos e hábitos frente ao uso dos meios de comunicação, é uma prática do discurso religioso que tende a defender que, quem fala, fala em nome de Deus e, nesse caso a vontade de Deus está contida na Bíblia. Esse discurso é um discurso autoritário, pois não abre espaço para que haja possibilidade de troca no processo comunicativo, o fiel simplesmente tem a opção de obedecer (tendo recompensa) ou não (tendo castigo) os ensinamentos.¹³⁴

É possível também afirmar que, os discursos das Assembleias de Deus são interpelados por ideologias presentes no contexto social em que vivem, um exemplo nítido são os fundadores das Assembleias de Deus que, construíram seus discursos tendo influências pelo contexto social em que esses conviveram, conforme consta a citação a seguir.

Os costumes implantados pelos jovens missionários suecos foram mesclados de conhecimentos adquiridos entre seu país de origem, o tempo de convivência e aprendizado sobre o pentecostalismo na América do Norte e a convivência com os irmãos que foram excluídos da Igreja Batista, em Belém.¹³⁵

Sendo esses líderes interpelados pela ideologia presente no contexto social pelo qual estes conviveram, seus discursos proferidos com relação as suas posturas frente ao uso dos meios de comunicação dialogam com outros, entre os dizeres presentes e os dizeres alojados na memória, pois “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”¹³⁶. Assim, por mais que a liderança da denominação adotasse um discurso diferente dos demais grupos religiosos e construísse uma formação discursiva assembleiana prezando pela inserção de usos e costumes na qual os membros deste seguimento diferenciasses das outras comunidades religiosas, essa nova formação discursiva carrega ideologias de tempos passados, pois, “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”¹³⁷.

[...] retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (sujeitos em seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes.¹³⁸

¹³⁴ Cf. TORRESAN, 2007, p. 96.

¹³⁵ ALMEIDA, 2007, p. 49.

¹³⁶ ORLANDI, 2007, p. 43.

¹³⁷ ORLANDI, 2007, p. 33.

¹³⁸ PÉCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. UNICAMP, SP, 2009, p. 147.

O discurso das Assembleias de Deus sobre o uso dos meios de comunicação materializado por meio da linguagem, compõe uma nova formação ideológica que, sendo possível perceber por meio da linguagem. “A linguagem só faz sentido quando se inscreve na história”¹³⁹. assim o indivíduo que não analisa a história desse grupo ou não participa dela, ao ter contato com esse discurso o mesmo pode não fazer nenhum sentido para tal indivíduo. Partindo dessa fala é possível interpretar que, os discursos só fazem sentido se forem inseridos no contexto social que este representa e “para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha”¹⁴⁰.

Para pensarmos sobre o discurso do posicionamento das Assembleias de Deus sobre os usos e costumes quanto ao uso dos meios de comunicação e sua formação discursiva é preciso compreender ainda que, “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”¹⁴¹. Ainda é fundamental saber que, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”¹⁴². Partindo dessa compreensão e utilizando as palavras de Almeida quando diz que, “a ideia de ‘viver em santidade’, separados do mundo, condicionou-os a uma imposição de comportamento ascético entre os membros da sociedade cristã”¹⁴³, é factível aqui compreender que, a ideologia presente é a de viver santidade, e que culmina no agrupamento de membros sob essa ideologia seguindo a uma formação discursiva carregada de ideias de santidade que moldaria os comportamentos e hábitos desse grupo religioso com relação ao uso dos meios de comunicação, formando assim o sujeito que é capaz de ser identificado como um membro dessa comunidade, como diz Orlandi, “por outro lado, como dissemos, é também a ideologia que faz com que haja sujeito”.¹⁴⁴

Identifica-se também que, esse viver em santidade seria um viver separado do mundo. Para compreendermos a expressão mundo presente no discurso desse grupo apropriaremos a fala de Almeida sobre mundo ou costumes mundanos quando diz que seriam “[...] expressões que identificam toda e qualquer tentativa de assimilação dos novos modelos que a moda social divulga”¹⁴⁵. Essa preocupação de não assimilar modelos que o mundo disseminava também fez presente no discurso da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) em 1937, quando ocorreu o discurso da proibição do uso do rádio.

¹³⁹ ORLANDI, 2007, p. 47.

¹⁴⁰ ORLANDI, 2007, p. 47.

¹⁴¹ ORLANDI, 2007, p. 47.

¹⁴² ORLANDI, 2007, p. 46.

¹⁴³ ALMEIDA, 2007, p. 48.

¹⁴⁴ ORLANDI, 2007, p. 48.

¹⁴⁵ ALMEIDA, 2007, p. 48.

3.2 Análise da proibição do uso do rádio na CGADB em 1937

Entre os dias 10 a 14 de outubro do ano de 1937, reuniram os convencionais membros da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) no estado de São Paulo, para uma convenção geral. A convenção tinha como objetivo tratar de diversos assuntos do interesse da denominação religiosa. Estando os membros convencionais reunidos na tarde do dia 12 de outubro para dar sequência à reunião que havia iniciada dias anteriores, entra em discussão a temática sobre a licitude do uso do aparelho de rádio entre os membros da referida denominação. O tema surge quando o membro convencional Albert Widmer pergunta se, “é lícito pregarmos o evangelho pelo rádio? E podem as Assembleias de Deus participar numa sociedade evangélica de transmissão pelo rádio?”¹⁴⁶.

Vários convencionais das Assembleias de Deus discursaram sobre o assunto e reconheceram que, “[...] o rádio tem servido, já em diversas partes como benção, para transmitir as verdades de Deus”¹⁴⁷. Apesar de, no discurso dos convencionais ser possível notar o reconhecimento da importância do uso do aparelho de rádio para abençoar os fiéis que pertencem a denominação, nota-se que, o reconhecimento não foi o suficiente para aceitação do uso do aparelho de rádio por parte dos fiéis, fato que culminaria na proibição do seu uso. Essa proibição foi justificada por meio de alguns argumentos identificados no discurso dos convencionais presentes na reunião. Analisaremos esses argumentos a seguir.

O primeiro argumento usado no discurso para justificar a proibição, era sobre “[...] os perigos que o mesmo pode trazer, no caso dos crentes se apegarem ao rádio, não querendo mais ir às igrejas[...]”¹⁴⁸. A preocupação se apoia quando analisa a fala de Almeida quando escreve que, “a principal razão para manutenção dos usos e costumes assembleianos é a ênfase que seus dirigentes mantêm em suas pregações sobre usos e costumes (não em todas igrejas e congregações)”¹⁴⁹. A preocupação dos fiéis se apegarem ao rádio e não querendo mais ir às igrejas conforme citado no discurso para defender a proibição do seu uso, dificultaria a manutenção dos usos e costumes já existentes, pois não estariam mais frequentemente participando dos cultos e ouvindo as pregações que davam ênfase a sua conservação.

¹⁴⁶ BRITO, 1937, p. 4.

¹⁴⁷ BRITO, 1937, p. 4.

¹⁴⁸ BRITO, 1937, p. 4.

¹⁴⁹ ALMEIDA, 2007, p. 52.

A preocupação também se justificava porque esses convencionais sabiam que, além das pregações que davam ênfase aos usos e costumes da denominação, os hinos entoados nas igrejas tinham também um papel fundamental no auxílio da divulgação dos usos e costumes. Esses hinos entoados eram utilizados “[...] tanto nos cultos públicos até nos mais domésticos, para divulgar os ‘usos e costumes’ como meio de santificação”¹⁵⁰. Afastando os crentes de ir à igreja para usarem o aparelho de rádio, estavam estes longe dos discursos proferidos nos cultos que davam ênfase a uma vida de santificação e vulneráveis aos discursos que seriam transmitidos pelo rádio, “[...] a produção no rádio seria criar uma espécie de concorrência aos trabalhos nos templos, além do risco dos crentes terem acesso à mídia secular”¹⁵¹.

Essa vulnerabilidade é perceptível no argumento seguinte em que foi usado pelos convencionais para defender a proibição do uso do rádio. Os discursos dos convencionais seguem relatando que, “[...] mesmo adquirindo rádios, contaminando-se com as músicas mundanas e outras palestras prejudiciais que o mesmo pode trazer”¹⁵². A fala evidencia a incapacidade do fiel manter uma vida de santificação após o uso o aparelho de rádio. Essa vida de santificação esteve presente na ideologia dos discursos dos fundadores das Assembleias de Deus e que, aqui continua sendo defendida pelos convencionais, “segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”.¹⁵³ Nota-se que, o viver em santidade identificado no discurso dos fundadores da denominação é também identificado no discurso dos convencionais deste tempo, e que, agora sinalizam o perigo de estar sendo posto esse viver em santidade em risco, devido a possibilidade de contaminação com o contato com as músicas mundanas que o aparelho de rádio transmitia.

A contaminação por meio de músicas mundanas poderia destruir toda estrutura dos dogmas da denominação e da aceitação dos usos e costumes dela, pois, conforme já citado anteriormente, a expressão mundana é compreendida como toda assimilação que a moda social divulga. A Análise do perigo e de que tipo de contaminação seria, que foram enfatizados pelos convencionais da denominação, torna-se de mais fácil compreensão, quando se analisa as letras de algumas músicas lançadas nos anos anteriores próximos ao ano de 1937 e nas letras de músicas do ano de 1937, em que essas letras faziam apologia para que os

¹⁵⁰ ALMEIDA, 2007, p. 76.

¹⁵¹ SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. Assembleias de Deus em vias de midiaticização: entre dizeres e silêncios. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*. Vol. 5, nº 9, janeiro-junho, p. 10-18, 2017, p. 12.

¹⁵² BRITO, 1937, p. 4.

¹⁵³ ORLANDI, 2007, p. 39.

ouvintes tivessem costumes contrários aos costumes defendidos pelas Assembleias de Deus. Se por um lado, os hinos entoados nos cultos das Assembleias de Deus faziam apologia aos usos e costumes da denominação, por outro lado, as músicas transmitidas via rádio iam na contramão dessa ideologia.

No dia 24 de julho do ano de 1936, foi gravada a música “dama do cabaret” na voz do cantor Orlando Silva e lançada em setembro do mesmo ano. Escrita por Noel Rosa, a letra da música constava que, “foi num cabaré da Lapa, que eu conheci você, fumando cigarro, entornando champanhe no seu soirée”¹⁵⁴. Fazendo apologia ao uso de cigarro e bebidas alcólicas, bem como a frequência de lugares tido como mundanos (pois estes incentivavam o uso da moda social), a letra da música entrava em choque com os usos e costumes defendidos pela denominação, visto que, sobre os costumes das Assembleias de Deus, identifica-se que.

Esses costumes, além da exposição de santidade dos fiéis, também os aproximavam da seriedade de seus comportamentos familiares europeus, em seu país de origem, e da fuga da promiscuidade, hábito comum entre a sociedade não evangélica. Neste campo incluem-se itens a respeito da alimentação, cultura, vestuário e comportamento social.¹⁵⁵

Esse padrão de música tocada pelo aparelho de rádio já no ano de 1936, na qual dava ênfase aos costumes contrários daqueles prezado pela denominação, confirmava o perigo identificado pelos convencionais, o perigo de que, quando os fiéis da denominação passassem a terem acesso ao uso do aparelho de rádio se contaminariam. A repudia ao uso era a extrema que o rádio “[...] foi estigmatizado como ‘o diabo encaixotado’”¹⁵⁶. É possível notar no discurso dos convencionais, expressões que levam em consideração o contexto social vigente e a experiência nele adquirida, precisamente quando no discurso é citado o perigo das músicas mundanas do contexto. Quando ao discursar, os convencionais levaram em consideração o contexto social e a experiência com o fator social da época, confirmam a fala de Orlandi quando escreveu que.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.¹⁵⁷

¹⁵⁴ WOOLF, Bruna. *Orlando Silva - Dama do Cabaret*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IYOpFAz4WkI>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

¹⁵⁵ ALMEIDA, 2007, p. 49.

¹⁵⁶ ALMEIDA, 2007, p. 71.

¹⁵⁷ ORLANDI, 2007, p. 53.

Outra música que, serve de base para justificar o posicionamento de contrariedade dos convencionais quanto ao uso do aparelho de rádio pelos membros da denominação, é a música intitulada de “a vida é boa”. Cantada na voz do cantor Gastão Formenti, a música foi gravada dias antes da realização da convenção (28 de setembro do ano de 1937). A letra da música defendia um modo de viver fora dos padrões defendidos pela liderança da denominação. As Assembleia de Deus, desde o início “procuraram incentivar seus comandados a se apresentar diante da sociedade como religiosos castos e pudicos apenas buscando uma valorização cristã na sociedade brasileira”¹⁵⁸. A letra apresentava uma defesa de contradição a esses costumes quando constava que, “a vida é boa só pra farrear! Por isso mesmo, não quero casar! Eu, neste ano, vou cair na farra, e, por isso mesmo, não farei asneira. Eu não me caso, podes dar o fora, pois não sou do samba, mas sou da rancheira!”¹⁵⁹.

Apesar de os convencionais se manterem contrário ao uso do aparelho de rádio pelos membros da igreja, “a igreja não interpretou como pecado o evangelismo pelo rádio, embora não tenha achado prudente possuir programas e estações de rádio, um mecanismo para coibir a entrada do aparelho de radiodifusão nos lares assembleianos”¹⁶⁰. O discurso ainda relata “[...] que não devemos ter, e nem nos associarmos a tais sociedades, pois, como pentecostais que somos, devemos estar separados de tudo que possa tolher a nossa liberdade que temos em Cristo [...]”¹⁶¹. Aqui apresenta mais um perigo identificado no discurso dos convencionais em que o uso do rádio poderia resultar, o perigo de perder a liberdade em Cristo.

A análise na tomada de decisão quanto ao uso ou não do aparelho do rádio, ficou restrita para os convencionais presente na Convenção Geral em São Paulo, no ano de 1937. A partir da decisão tomada na convenção, cabia aos convencionais então, somente impor as proibições aos fiéis nos próximos cultos realizados nas igrejas Assembleias de Deus. “As proibições eram difundidas até nos cultos de domingo, quando a proposta desse culto era de ‘anunciar a salvação através da morte de Jesus’”¹⁶². Esse modelo de discurso religioso tem um caráter autoritário, onde o receptor (o fiel) se silencia, não havendo nenhum espaço para diálogo entre o destinatário e o destinador.

O discurso religioso é um discurso marcadamente autoritário, por causa da assimetria entre os participantes, que garante o silenciamento do receptor. Assim,

¹⁵⁸ ALMEIDA, 2007, p. 48.

¹⁵⁹ BRASIL, Tralha. *Gastão Formenti - A vida é boa - 1937*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-UPX4a6tEeg>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

¹⁶⁰ SOUZA; MATOS, 2017, p. 12.

¹⁶¹ BRITO, 1937, p. 4.

¹⁶² ALMEIDA, 2007, p. 71.

pela desigualdade de papéis e de lugares que caracteriza o discurso religioso, aqueles que transmitem a palavra de Deus têm a possibilidade de instaurar formas de controle e de manipulação, já que estão transmitindo a palavra de Deus, e, afinal, Deus não pode ser questionado. O discurso aprisiona os indivíduos através do autoritarismo que os convence da existência de uma verdade única.¹⁶³

Além da denominação usar um discurso autoritário para inserir como costume a proibição do uso do aparelho de rádio por parte dos membros, o discurso também confirma outra característica de um discurso religioso, um discurso provido de formas de controle e de manipulação. A manipulação torna-se nítida no discurso, quando este manifesta que se os crentes apegassem ao rádio podiam deixar de ir à igreja, se contaminariam com o mundo, e perderiam a liberdade em Cristo. Esse resultado de perder a liberdade em Cristo, por parte daquele que desobedecesse à proibição da igreja, é uma característica de um discurso de manipulação por intimidação que, segundo Torresan, “[...] na intimidação, os aspectos negativos sobre a ação dos destinatários são levados em conta[...]”¹⁶⁴. Aqui a negatividade na ação dos que não aceitarem a proibição seria a perda da liberdade em Cristo.

Nos anos seguintes as Assembleias de Deus passariam a possuir vários programas de rádio, o uso do aparelho de rádio também tornaria uma prática entre os membros da denominação, conforme consta a citação a seguir.

As ADs tinham vários programas no rádio, mas a CGADB não oficializou nenhum. Como as proibições eram declaradas, o silêncio significava ‘autorização’. Desse modo, os crentes compreenderam que, caso desejassem, poderiam possuir o rádio em suas casas; o assunto foi silenciado oficialmente, mas os debates extraoficiais foram muitos.¹⁶⁵

Fica evidente que essa mudança de postura por parte dos membros da denominação quanto ao uso do aparelho de rádio está relacionada ao silenciamento da Convenção sobre o assunto, contribuindo para que essa postura fosse interpretada como autorização do uso do aparelho de rádio, apesar de, ainda ocorrerem muitos debates extraoficiais. O próximo assunto de grande importância nos discursos das Assembleias de Deus com relação ao uso dos meios de comunicação, seria o uso do aparelho de televisão. A análise dos discursos será feita a seguir.

¹⁶³ SILVA, Tatiane Xavier da; COSTA, Ivandilson. O discurso religioso: aspectos de performatividade, autoritarismo e relações de poder. *LINGUAGEM - Estudos e Pesquisas*, Catalão - GO, vol. 15, n. 2, p. 119-136, jul./dez., 2011, p. 133.

¹⁶⁴ TORRESAN, 2007, p. 98.

¹⁶⁵ SOUZA; MATOS, 2017, p. 14.

3.3 Análise da proibição do uso do aparelho de televisão na CGADB em 1975

No ano de 1975, foi realizada a 22ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), na cidade de Santo André, estado de São Paulo. A Convenção abordou sobre diversos assuntos pertinentes aos usos e costumes da denominação. Entre os assuntos que foram tratados nesta convenção, estava em discussão a temática sobre o uso de um novo meio de comunicação do momento para a igreja, o aparelho de televisão. A conclusão desse assunto resultou na proibição do uso do aparelho de televisão. A escrita final da decisão consta que, quanto ao “uso de aparelhos de televisão – convindo abster-se do mesmo [...]”¹⁶⁶.

No discurso sobre a proibição do aparelho de televisão, constam argumentos que justificam a tomada da decisão. Essa decisão referia a coibição do seu uso tanto por parte dos obreiros, quanto por parte dos membros pertencentes a denominação religiosa. O primeiro argumento citado no discurso referia que a proibição cabia, “[...] tendo em vista a má qualidade da maioria de seus programas [...]”¹⁶⁷. A preocupação com a qualidade dos programas televisivos da época, lembra a mesma ideologia de santidade relatada por aqui em itens anteriores, e que continuava presente nas Assembleias de Deus. Essa preocupação ao que parece também seria da mesma semelhança daquela tida anteriormente, e que por aqui já foi exposta. Preocupação na qual os convencionais ficaram temerosos de que os fiéis viessem a se contaminarem com as músicas mundanas transmitidas pelo aparelho de rádio, nota-se aqui a permanência do medo da contaminação pela qualidade dos programas televisivos.

Para compreender o medo por parte da direção das Assembleias de Deus, dos obreiros e membros se contaminarem com os programas televisivos, tomaremos aqui por base, a análise de duas novelas transmitidas pela Rede Globo de televisão no ano de 1975. Uma das novelas transmitidas naquele ano, foi a novela intitulada de “escalada”. A novela foi ao ar em janeiro do ano de 1975. Ela é um dos exemplos de programas que poderiam ter servido como base para influenciar a tomada de decisão dos convencionais. A novela mostrava personagens com usos e costumes diferentes daqueles defendidos pela denominação. Nas cenas da novela “escalada”¹⁶⁸, apareciam personagens usando pintura nos órgãos da face, personagens com sobrancelhas alteradas, mulheres com cabelos curtos e

¹⁶⁶ SILVA, João Pereira de Andrade e. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil reafirma a necessidade de que nossas igrejas se mantenham dentro do padrão doutrinário que tem sido apanágio da vida de seus obreiros e membros. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 45, n. 9, 1975, p. 1.

¹⁶⁷ SILVA, 1975, p. 1.

¹⁶⁸ Confira as cenas que confirmam esses comportamentos. ANTÔNIO conversa com Valério sobre divorciar-se In: ESCALADA. Escrita por Lauro César Muniz e dirigida por Régis Cardoso. Produzida por Rede Globo. 1975. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/videos/idvideo/3930536/title/escalada.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

roupas que eram contrárias aos comportamentos defendidos pela Convenção das Assembleias de Deus no Brasil. Alguns dos comportamentos e hábitos defendido pela convenção no ano de 1975 era.

[...] 2) Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados do sexo feminino; 3) Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face; 4) Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados); 5) Sobrancelhas alteradas; 6) Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; [...].¹⁶⁹

Outro exemplo de novela que foi ao ar em junho do ano de 1975, é a novela “senhora”. Na novela “senhora”¹⁷⁰ também aparecia personagens que tinham comportamentos que divergiam com aqueles em que as Assembleias de Deus continuavam mantendo como costumes a serem seguidos pelos membros. Comportamentos como o uso de pinturas nos olhos, órgãos da face, sobrancelhas alteradas, etc. Os discursos usados nessa convenção também levaram em conta o contexto social da época para a tomada de tal decisão, exemplo claro é a citação da má qualidade dos programas existentes na época. Orlandi escreve que.

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade.¹⁷¹

É possível perceber a maneira em que a história afetou os discursos dos convencionais, após identificar que no discurso há sempre relatos que dialogam com a história. A análise desses discursos confirma que os enunciadores ao discursar sempre levavam em consideração o contexto social vigente. Um fator novo aqui apresentado como argumento para proibir o uso do aparelho de televisão, foi a preocupação tida com a saúde física dos membros e congregados da denominação. Pode também ser que essa preocupação não esteja relacionada de fato com o cuidado com a saúde, mas uma prática discursiva usada só para manipular os fiéis em torno da aceitação da proibição. No discurso que proíbe o uso do aparelho de televisão relata, “que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde”¹⁷².

¹⁶⁹ SILVA, 1975, p. 1.

¹⁷⁰ Confira as cenas que confirmam esses comportamentos. AURÉLIA revela a Fernando que o comprou. In: SENHORA. Escrita por Gilberto Braga e dirigida por Herval Rossano. Produzida por Rede Globo. 1975. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/videos/idvideo/2473194/title/senhora.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

¹⁷¹ ORLANDI, 2007, p. 35.

¹⁷² SILVA, 1975, p. 1.

É evidente que a exposição por muitas horas diante de um aparelho de televisão pode causar danos à saúde, “o importante seria que as pessoas usassem a televisão como fonte de informação e entretenimento e não serem usados por ela, isto é, permanecer longas horas diante da TV, sem movimentar-se, causando problemas à saúde e até mesmo acostumando a uma vida sedentária”¹⁷³. Doenças causadas pela prática de uma vida sedentária poderia ser o problema de saúde identificado pelos convencionais na época em que proferiu o eventual discurso, pois o sedentarismo é “[...]considerado um importante fator de risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares”¹⁷⁴. O sedentarismo também, “[...]encontra-se associado a doenças e condições metabólicas adversas, entre eles, obesidade, hipertensão, intolerância à glicose, alteração do perfil lipídico e até alguns tipos de câncer”¹⁷⁵.

Outros argumentos fora da convenção continuaram sendo usados a fim de justificar a proibição. Diversas expressões foram usadas para manipular os membros e congregados a aceitar o posicionamento das Assembleias de Deus. Argumentos sobre o aparelho de televisão enunciando que, “[...]tratava-se de ‘colocar o inferno dentro de casa’ para o ‘diabo reconquistar as almas que havia perdido para Jesus’”¹⁷⁶. Aqui, a prática de manipulação por intimidação se torna evidente. Trabalhando com a imagem negativa sobre a ação do indivíduo, os membros e congregados são intimidados ao ponto de entender que deve fazer algo, o de não ter dentro de casa um aparelho de televisão, pois, se tivesse seria uma alma reconquistada pelo diabo.¹⁷⁷

Os discursos durante a Convenção Geral das Assembleias de Deus no ano de 1937, confirmaram características presente em um discurso religioso, um discurso com aspecto autoritário, onde somente os convencionais discursam e tomam decisões sem que os membros ou congregados possam participar das decisões.¹⁷⁸ “O autoritarismo do discurso assegura a aceitação da ideologia por parte dos receptores, contribuindo, assim, para a hegemonia, que, no caso, é a continuidade do exercício de poder dos líderes religiosos sobre os fiéis”¹⁷⁹. Essa aceitação da ideologia presente no discurso religioso resulta para que os fiéis respeitem e sigam as doutrinas que por eles são defendidas, a qual é mais caráter desse discurso conforme consta na citação a seguir que:

¹⁷³ LOLLA, Daiane Machado et al. A televisão como veículo de informação: uma linguagem de imagens e sons. *Revista Científica do Unisaesiano*, Lins, SP, ano 2, n.3, p. 69-80, jan/jun de 2011, p. 72.

¹⁷⁴ CARLUCCI, Edilaine Monique de Souza et al. Obesidade e sedentarismo: fatores de risco para doença cardiovascular. *Comunicação em Ciências da Saúde*. Brasília, ano 24 n° 4, 375-384, out.-dez. 2013, p. 379.

¹⁷⁵ CARLUCCI, 2013, p. 380.

¹⁷⁶ ALMEIDA, 2007, p. 71.

¹⁷⁷ Cf. TORRESAN, 2007, p. 99.

¹⁷⁸ Cf. TORRESAN, 2007, p. 96.

¹⁷⁹ SILVA; COSTA, 2011, p. 134.

Podemos pensar, então, que o discurso religioso é aquele que se propõe a doutrinar um conjunto de fiéis leigos, propondo a eles orientações de ordem espiritual e comportamental a partir de um conjunto de princípios previamente definidos, que se pautam num amálgama das ordens do humano e do divino, do terreno e do sobrenatural.¹⁸⁰

A orientação comportamental identificada no discurso religioso da convenção do ano de 1975, onde coube os debates sobre o uso do aparelho de televisão foi que, os membros e congregados da denominação deveriam abster-se do uso do aparelho de televisão devido a má qualidade dos programas e a eventuais problemas de saúde que poderiam ocasionar. Aqui, também é possível notar a presença de mais um argumento que configura na prática de manipulação que há em um discurso religioso, a manipulação por intimidação. Toressan escreve que, “na intimidação, os aspectos negativos na ação do indivíduo são levados em conta”¹⁸¹. Nesse discurso é notável que se os membros e congregados desobedecessem à orientação do discurso e usassem o aparelho de televisão, os aspectos negativos na ação destes estariam presentes no sentido de que, eles seriam contaminados com a má qualidade dos programas e sofreriam problemas de saúde.

As características que há em um discurso religioso continuaram nos discursos desta convenção. Nas falas notam-se aspectos de um discurso autoritário, um discurso marcado de manipulação por intimidação, e ainda a continuidade da presença de uma ideologia que tinha a intenção de um viver em santidade, pretendendo não se contaminar com a má qualidade dos programas televisivos. Os próximos anos, seriam anos de muitos desafios para as Assembleias de Deus manterem esse posicionamento, fato que culminaria na retirada da proibição do uso do aparelho de televisão no 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) realizado no ano de 1999. A análise da retirada da proibição do uso do aparelho de televisão nesse encontro será feita a seguir.

3.4 Análise da retirada da proibição do uso do aparelho de televisão no ELAD de 1999

No dia 25 de agosto do ano de 1999, foi encaminhado ao 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) por meio do Conselho Consultivo da Convenção Geral das Assembleias de Deus, um pedido de parecer sobre as normativas dos usos e costumes da igreja, normas que foram decididas na convenção do ano de 1975, realizada na cidade de

¹⁸⁰ MELLO, 2017, p. 134.

¹⁸¹ TORRESAN, 2007, p. 98.

Santo André, estado de São Paulo. Atendendo ao pedido e feita a análise, a decisão do 5º ELAD resultou na mudança de decisão sobre o uso dos meios de comunicação, inclusive, sobre o uso do aparelho de televisão. A decisão não proibia mais o uso do aparelho de televisão, porém, o mau uso.¹⁸²

No texto em que se refere ao uso do aparelho de televisão, consta a proibição do “mau uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1 Co. 6.12; Fp. 4. 8)”¹⁸³. Diante dessa expressão é possível interpretar que, apesar de ter sido retirada da proibição do uso do aparelho de televisão, ainda constava programações que as Assembleias de Deus consideravam de má qualidade, mas também já existiam programas, os quais os membros da igreja poderiam assistir. Para compreender melhor essa expressão, analisaremos duas novelas transmitidas durante o ano de 1999, na qual confirmam a interpretação de que, ainda existiam programações televisivas que para a ideologia da denominação eram de má qualidade.

Em janeiro do ano de 1999, foi ao ar a novela “suave veneno”. Na novela apareciam cenas em que faziam apologia a costumes que eram proibidos pelas Assembleias de Deus. Nas cenas que apareciam na novela “suave veneno”¹⁸⁴, mostravam mulheres com vestimentas indecentes e indecorosas, cenas em que as mulheres se apresentavam com uso exagerado de maquiagem, pintura nas unhas e cabelos, cenas que apareciam mulheres de cabelos curtos, etc. Esse tipo de comportamento ao que se percebe não era bem recebido por parte da denominação, pois, a ideologia de proibição quanto a esse tipo de conduta ainda estava presente na liderança das Assembleias de Deus, como confirma nas proibições da citação a seguir que foram impostas no mesmo ano.

[...] 2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10); 3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos - (Lv 19.28; 2 Rs 9.30); 4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);¹⁸⁵

Cenas com comportamentos semelhantes ao da novela “suave veneno” também apareciam em outras novelas da época. Um exemplo de novela em que constam

¹⁸² A retirada da proibição do uso do aparelho de televisão pode ter sido aplicada devido ao fato dessa restrição não ter nenhum sentido mais. Essa proibição já não era obedecida mais, era uma letra morta.

¹⁸³ DANIEL, 2004, p. 579.

¹⁸⁴ Confira as cenas da novela que confirmam esses comportamentos. SUAVE veneno, capítulo 1. Escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Daniel Filho e Ricardo Waddington. Produzida por Rede Globo. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VBYdmWmLeK8>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

¹⁸⁵ DANIEL, 2004, p. 579.

comportamentos semelhantes, é o da novela “andando nas nuvens”¹⁸⁶ que foi transmitida em março do ano de 1999. Na novela apresenta, logo no primeiro capítulo cenas onde as mulheres aparecem de cabelos curtos, com uso exagerado de pintura no cabelo e de maquiagem, usando roupas peculiares aos homens, etc., fatos que relatam a continuidade nos programas televisivos, de comportamentos contrários daqueles defendidos pelas Assembleias de Deus desde o ano de 1975, ano em que o uso do aparelho de televisão foi proibido para os membros da denominação.

Mas, se os programas de televisão continuavam contendo cenas que apresentavam costumes contrários daqueles que as Assembleias de Deus defendiam e que, outrora serviram de base para justificar a proibição do uso do aparelho de televisão, como explicar então a mudança na tomada de decisão no que diz respeito ao uso do aparelho de televisão e ao seu envolvimento na produção televisiva? Segundo Souza, a presença de televangelistas brasileiros que, “entre os anos 75 e 80, diversos televangelistas pentecostais se destacaram na televisão brasileira”¹⁸⁷, foi um dos fatores que contribuiu para essa mudança de postura. Ao que parece por meio desta fala, as Assembleias de Deus procederam sua mudança de comportamento porque ficaram pressionadas pelos televangelistas pentecostais que se destacavam, se ela não se apropriasse da produção televisiva estaria perdendo sua influência na sociedade. Outro fator foi ainda mais decisivo para essa mudança de decisão, o seu envolvimento com a política.

Mais que a presença dos televangelistas brasileiros, o tipo de religiosidade que começou a ser ofertado por eles contribuiu para que as ADs se engajassem na produção televisiva. Outro elemento decisivo para que as ADs começassem a produzir na televisão foi seu envolvimento na política, conforme indicam as pautas da CGADB.¹⁸⁸

O envolvimento das Assembleias de Deus com a política começa quando surge uma “[...] preocupação em acompanhar o desempenho da IURD, cujos candidatos se comprometiam a defender os interesses institucionais”¹⁸⁹, Quando a denominação muda de postura e aceita o uso do aparelho de televisão pelos membros preocupada em acompanhar o desempenho da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), o membro que faz parte dela

¹⁸⁶ Confira as cenas da novela que confirmam esses comportamentos. ANDANDO nas nuvens, cap 01p1. Escrita por Euclides Marinho e dirigida por Dennis Carvalho. Produzida por Rede Globo. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfMdLgKdtiU>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

¹⁸⁷ SOUZA; MATOS, 2017, p. 15.

¹⁸⁸ SOUZA; MATOS, 2017, p. 15.

¹⁸⁹ SOUZA; MATOS, 2017, p. 15.

“inclui-se enquanto integrante do mundo terreno, posiciona-se enquanto cidadão que não mais nega o mundo, mas deseja transformá-lo”¹⁹⁰.

Quando analisa a fala de Souza é notável que, nas decisões do 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) do ano de 1999, foram levadas em consideração o contexto social da época. Para a tomada de decisões, foi analisada a influência dos televangelistas da época, a importância de apropriar o uso do aparelho de televisão e dos programas televisivos no auxílio do engajamento político da igreja, essa postura confirma a fala de Orlandi quando escreveu que.

Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se têm na historicidade.¹⁹¹

Os dois motivos citados acima na qual contribuíram para a mudança de comportamento das Assembleias de Deus, é um exemplo nítido da historicidade vivida na época e por meio deles é possível compreender a situação de pressão em que a denominação estava convivendo. Ao apropriar dos meios de comunicação, e especialmente o do uso da televisão, a denominação entraria com reais possibilidades de ter programas contendo a mesma relevância e influência dos programas televangelistas já existentes. As Assembleias de Deus também tinham viabilidade para utilizar os programas com fins também de difundir a sua ideologia e o seu interesse institucional. Esses fatores dariam visibilidade necessária a denominação que, poderia definitivamente entrar na disputa política e acompanhar o desempenho dos políticos da IURD, tendo assim, políticos que poderia defender os interesses da instituição.

Como já visto nos outros discursos das Assembleias de Deus sobre o uso dos meios de comunicação, havia sempre a presença de uma ideologia de santidade, de uma ideologia de separação com o mundo, etc. Ao que se nota, no discurso do 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) realizado no ano de 1999, essas mesmas ideologias permaneceram. Nele os líderes proibiam os membros da igreja a má utilização do aparelho de televisão, entendendo que haviam programas maus, convindo aos membros abster-se deles para não contaminarem, mantendo a postura de santificação.

É evidente também que, assim como nos outros discursos sobre o uso dos meios de comunicação, na qual tinham característica de discursos autoritários, essa mesma

¹⁹⁰ SOUZA; MATOS, 2017, p. 15.

¹⁹¹ ORLANDI, 2007, p. 68.

característica permaneceu no discurso do 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) realizado no ano de 1999. As decisões couberam a um pequeno grupo das Assembleias de Deus. Em seguida, essas decisões foram inseridas nos usos e costumes sem nenhum espaço de diálogo para os membros da denominação. As decisões impostas são tidas pelos membros como mensagem de Deus dada aos líderes e transmitidas para os membros, assim não pode ser contestada.¹⁹² Para confirmarem que as regras tinham base na palavra de Deus, no discurso proferiram argumentos como, “sadios princípios estabelecidos na palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil”¹⁹³. Além disso, nos discursos os líderes citaram textos bíblicos nas quais tentavam justificar as normas por eles impostas.¹⁹⁴

Sendo retirada a proibição do uso do aparelho de televisão, ainda permaneceu a restrição sobre o mau uso do aparelho, bem como de outros meios de comunicação. Quais seriam então os motivos que colaboraram na inserção da restrição do mau uso desses meios de comunicação? A seguir será feita uma análise sobre quais motivos poderiam ter influenciados na inserção da proibição do mau uso do aparelho de televisão e de outros meios de comunicação.

3.5 Análise da proibição do mau uso dos meios de comunicação no ELAD de 1999

No 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) realizado ano de 1999, as normas sobre o uso dos meios de comunicação restringiram na proibição do mau uso. Nelas demonstram uma preocupação por parte das Assembleias de Deus de normatizar todo os meios de comunicações da época. Nas regras estavam inseridos o uso da televisão, da internet, do rádio e do telefone.¹⁹⁵ Mas quais seriam os motivos pelos quais as Assembleias de Deus ainda viam perigos para os membros da denominação usarem esses meios de comunicação? Para identificar quais motivos seriam, analisaremos o que eram transmitidos por esses meios de comunicação.

Sobre a qualidade dos programas televisivos transmitidos no ano de 1999, levando em consideração a ideologia dos usos e costumes das Assembleias de Deus, como já visto anteriormente, as novelas eram vistas como sendo de má qualidade, pois as mesmas

¹⁹² Cf., ORLANDI, 2007, p. 96.

¹⁹³ DANIEL, 2004, p. 579.

¹⁹⁴ Cf., DANIEL, 2004, p. 579.

¹⁹⁵ Cf., DANIEL, 2004, p. 579.

insinuavam a prática de costumes contrários daqueles defendidos pela denominação. Assim, dentro da ideologia de santidade dos usos e costumes, cabia a proibição do mau uso por parte da igreja aos membros, pretendendo que esses não viessem a se contaminarem. As Assembleias de Deus chamaram essas regras de sadios princípios, dando possibilidade de interpretação que, toda conduta fora dela estaria enferma, ou seja, contaminada com o mundo.¹⁹⁶

Com relação ao que estava sendo veiculado na internet durante o ano de 1999, é possível relatar que, o que estava sendo veiculado não estava distante da qualidade das novelas que eram transmitidas no mesmo ano, pois, a internet não é só um local onde são veiculadas programações e informações novas, mas também é o local onde acontece uma replicabilidade de programações e informações que já foram transmitidas em outros meios de comunicação. Segundo Jungblut, “trata-se do melhor lugar do mundo para alguém se inteirar de tudo que precisa saber para tomar uma decisão, reforçar ou refutar uma posição, invalidar ou validar – autônoma ou mutuamente – uma percepção, um sentimento ou uma crença religiosa qualquer”¹⁹⁷. Diante disso, é visível que a internet é um lugar onde veiculam programações e informações contrárias a ideologia dos usos e costumes das Assembleias de Deus, por isso, também pode ser considerada como um lugar em que há programações e informações de má qualidade.

O uso do rádio também seguia o mesmo caminho da internet e da televisão, transmitindo músicas que davam ênfase a comportamentos contrários que eram defendidos dentro das normativas dos usos e costumes das Assembleias de Deus. Um exemplo desta fala é a música “garçom”. A música foi uma das músicas mais tocadas durante os anos de 1998 e 1999. Compostas e cantada pelo compositor e cantor Reginaldo Rossi, a letra da música fazia apologia ao uso de bebidas embriagantes, costume que manteve sua proibição dentro das normas dos usos e costumes imposta pelo 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) no ano 1999.¹⁹⁸ Na citação a seguir confira parte da letra da música “garçom”.

Garçon, aqui nessa mesa de bar, você já cansou de escutar, centenas de casos de amor. Garçon, no bar todo o mundo é igual, meu caso é mais um é banal, mas preste atenção por favor. Saiba que o meu grande amor hoje vai se casar, mandou uma carta pra me avisar, deixou em pedaços meu coração, e para matar a tristeza, só mesa de bar. Quero tomar todas, vou me embriagar. Se eu pegar no sono, me deite

¹⁹⁶ DANIEL, 2004, p. 579.

¹⁹⁷ JUNGBLUT, 2012, p. 463.

¹⁹⁸ Cf., DANIEL, 2004, p. 579.

no chão. Garçon eu sei que eu estou enchendo o saco, mas todo bebum fica chato, valente e tem toda a razão! [...].¹⁹⁹

Com músicas sendo transmitidas na mesma semelhança da música “garçon” era indiscutível que, para as Assembleias de Deus haviam programações no rádio que eram de má qualidade. Fundamentava assim, a proibição do mau uso, ou seja, não era permitido ouvir músicas dessas semelhanças, pois elas enfatizavam um padrão de comportamento divergente daqueles que foram impostos pela denominação.

O telefone também entrou na lista de proibição do seu mau uso. O telefone celular é um meio de comunicação onde, desde primórdios de sua invenção era possível enviar mensagens e conversas com pessoas a distâncias. Hoje o telefone celular tem outras funções como, rádio, internet móvel, etc., mas, mesmo no início de sua invenção já existia meios que culminaria em um mau uso dentro da ideologia dos usos e costumes das Assembleia de Deus, meios como comunicar ou enviar mensagens contendo falas que dão ênfase a usos e costumes contraditórios daqueles adotados pela denominação.

A proibição do mau usos dos meios de comunicação é uma censura na qual é posta a responsabilidade nos membros das Assembleias de Deus de selecionar os programas maus e os programas bons que são transmitidos na televisão, no rádio, na internet, e no celular (visto que, hoje há celulares com a função rádio) para assistirem/ouvirem ou não. Essa responsabilidade posta nos membros é uma visão diferente daquela tida pela liderança da denominação nas convenções do ano de 1937 e do ano de 1975, na qual proibiram o uso do aparelho do rádio e do aparelho de televisão com o argumento de que os membros poderiam se contaminar. Nas expressões é perceptível que, os convencionais das Assembleias de Deus reunidos nas convenções do ano de 1937 e do ano de 1975, viam nos membros uma incapacidade para usarem os aparelhos sem se contaminarem. Mesmo já tendo membros das Assembleias de Deus “em plena década de 60, produzindo na TV e outros consumindo”²⁰⁰, a proibição do uso do aparelho de televisão seria inserida nos usos e costumes da igreja na Convenção Geral das Assembleias de Deus no ano de 1975.

Como já relatado anteriormente, a Análise do Discurso defende que, o enunciador ao discursar leva em conta o seu contexto social. No discurso de inserção da normativa que proibia o mau uso dos meios de comunicação, é visível essa análise por parte dos líderes das Assembleias de Deus do contexto social da época. Essa visibilidade é provada na fala em que

¹⁹⁹ REGINALDO Rossi - Garçon (Ao Vivo, 2005) HD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ukwVJneSuUc>>. Acesso em: 01 set. 2018.

²⁰⁰ SOUZA; MATOS, 2017, p. 14.

relataram que, “os costumes vistos pela ótica cristã, são linhas recomendáveis de comportamento. Estão ligados ao bom testemunho do crente perante o mundo. Estão colocados no contexto temporal [...]”.²⁰¹

Nota-se também que, a ideia de separação com o mundo que, desde o início da implantação das Assembleias de Deus estava presente na ideologia dos fundadores²⁰², permaneceu na ideologia da igreja no ano de 1999. Assim podemos dizer que, um discurso tem relação com outro discurso. “Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”²⁰³. Identifica-se também que, o discurso seguiu as mesmas características daqueles discursos anteriores que foram proferidos nas convenções do ano de 1937 e do ano de 1975, o de um discurso autoritário, no qual coube somente uma parcela da igreja tomar as decisões, justificando como sadios princípios da palavra de Deus. Os membros então, somente seriam um receptor passivo no discurso.



²⁰¹ ALMEIDA, 2007, p. 62.

²⁰² Cf. ALMEIDA, 2007, p. 48.

²⁰³ ORLANDI, 2007, p. 39.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como base a análise dos discursos quanto aos usos e costumes das Assembleias de Deus tendo como ênfase o discurso do uso dos meios de comunicação. A pesquisa foi feita por meio das bases estabelecidas pelo referencial da Análise do Discurso. Durante a construção deste trabalho ficou conhecido as origens das Assembleias de Deus, bem como as origens, a sedimentação e as disputas internas dos comportamentos e hábitos. Observou por meio da Análise do Discurso a ideologia presente nos discursos referente a prática comportamental da denominação, as características dos discursos e a existência de práticas manipulativas.

Para o desdobramento desta dissertação foi preciso recorrer à leitura de vários livros, artigos, teses e periódicos. Todos discorrendo sobre o tema abordado, tornando mais compreensível aos que o lerem. Para tornar tal ato real, viável e factível, a dissertação foi dividida em três capítulos, sendo composto cada um com cinco subtítulos. Com exceção da introdução que objetivou apresentar a estrutura do trabalho em si e a conclusão que dá fechamento ao mesmo.

No primeiro capítulo, o objetivo foi demonstrar as origens das Assembleias de Deus em Belém, estado do Pará. Enfatizou também sobre os conceitos de usos e costumes, sobre as origens dos comportamentos e práticas da denominação que teve como ideologia manter-se separado dos demais grupos que compunham a sociedade de Belém. O capítulo teve como foco ainda a análise sobre o surgimento e poder dos meios de comunicação. A análise se fez necessária devido ser esse o objeto da pesquisa.

No segundo capítulo, o foco recaiu na compreensão da Análise do Discurso de linha francesa e seus conceitos. Relatando sobre a importância da Análise do Discurso para compreender os discursos das Assembleias de Deus frente ao uso dos meios de comunicação, uso que é regulamentado dentro das práticas comportamentais da denominação. O capítulo observou as características de um discurso religioso, fazendo um exame específico da manifestação desse pelos meios de comunicação.

O terceiro capítulo, trouxe a identificação da ideologia de um viver em santidade que estava presente em todos discursos das Assembleias de Deus quando defenderam a inserção dos usos e costumes. Ainda nesse capítulo, houve a demonstração da prática manipulativa usada pelos líderes em cada discurso sobre o uso dos meios de comunicação. A demonstração foi feita analisando os discursos das Convenções Gerais das Assembleias de Deus do ano de

1937 e 1975 e do discurso do 5º ELAD (Encontro de Líderes das Assembleias de Deus) do ano 1999. Foi identificada também a característica de cada discurso.

Por meio desta pesquisa foi possível a compreensão da importância da Análise do Discurso para examinar as origens, a sedimentação e as disputas internas quanto ao uso e costumes das Assembleias de Deus, analisando os discursos que inseriram tais costumes. A aplicação dos conceitos da Análise do Discurso tornou-se viável para fazer uma análise detalhada que se objetivava também em identificar as bases que se estruturaram os discursos dos líderes da denominação com fins de manipular e sedimentar as práticas da comunidade religiosa.

Os discursos das Assembleias de Deus se fundamentaram em uma ideologia de um viver em santidade, ou seja, separado dos demais grupos que compunham a sociedade. Os discursos em que a inserção dos usos e costumes esteve em pauta com ênfase o do uso dos meios de comunicação, sempre houve a presença dessa ideologia. A ideologia de um viver santo se fundamentou em textos bíblicos conforme foi identificado e na defesa de que esse seria o meio pelo qual os membros que obedecessem tais discurso conseguiria alcançar as bênçãos espirituais, como a esperança de participar do arrebatamento na segunda vinda de Cristo a terra.

Os discursos seguiram as mesmas características de um discurso religioso, a de ser um discurso autoritário. Por meio da decisão dos convencionais sobre os usos e costumes, os discursos eram destinados aos membros da denominação sem que estes tivessem lugar para o diálogo. Com argumentos de que era a palavra de Deus dada aos líderes por meio da expressão “sadios princípios da palavra de Deus” e outros que foram usados, os membros eram induzidos a seguir tais ensinamentos acreditando ser a verdade absoluta sem nenhum espaço para contestação. Os mesmos se desobedecessem estariam fadados a castigos.

A presença da prática manipulativa também foi evidenciada em todos os discursos sobre o uso dos meios de comunicação. A manipulação por intimidação se manifestou em todos os discursos. As Assembleias de Deus usaram aspectos negativos na ação dos indivíduos que viessem a agir em contrariedade com as práticas da igreja para intimidar e manipular com a finalidade de conduzirem a obediência aos seus discursos. Os aspectos negativos na ação de desobediência por parte dos membros quanto ao uso dos meios de comunicação eram desde a contaminação com a má qualidade dos programas até o sofrimento com problemas de saúde.

Os enunciadores dos discursos ao enunciarem seus argumentos sobre a temática das condutas e normas que os membros das Assembleias de Deus deveriam de seguirem,

analisaram o contexto social em que estavam inseridos. Fica nítido esse fala quando nos discursos citam a má qualidade dos programas da época, isso torna evidente que houve uma análise do contexto social (fatores externos) em que vivenciavam.

Enfim, os discursos das Assembleias de Deus confirmaram as mesmas características que há em um discurso religioso (característica de um discurso autoritário e manipulador). A Análise do Discurso aplicada na análise desse, identificou uma ideologia que permaneceu durante anos nos discursos e que serviu de argumento manipulador para sedimentar os comportamentos e hábitos da denominação. A análise evidenciou que os fatores externos foram levados em conta pelos destinadores dos discursos ao enunciarem aos destinatários. A pesquisa aplicou uma análise em textos aonde relatavam discursos da Assembleia de Deus quanto ao uso dos meios de comunicação por meio da semiótica de Greimas, abriu possíveis caminhos para pesquisas sobre esses e outros posicionamentos que surgirem por parte da comunidade religiosa sobre a temática pesquisada por meio desses conceitos.



REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer; SILVA, Rodolfo Sgorla da. *História e tecnologias da televisão*. Universidade Federal de Santa Maria, Campus de Westphalen, RS, 2011.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 2000.

_____. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911 - 2011*. 2012. 285 f. Tese de Doutorado, Universidade Católica de São Paulo/PUC, SP, 2012.

ALMEIDA, Joéde Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil*. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

ANDANDO nas nuvens, cap 01p1. Escrita por Euclides Marinho e dirigida por Dennis Carvalho. Produzida por Rede Globo. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfMdLgKdtiU>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

ANTÔNIO conversa com Valério sobre divorciar-se In: ESCALADA. Escrita por Lauro César Muniz e dirigida por Régis Cardoso. Produzida por Rede Globo. 1975. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/videos/idvideo/3930536/title/escalada.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

ARAÚJO, Arão Inocência Alves de. O mensageiro da paz: 1930-1990 uma história do sagrado. *Revista Eletrônica – Cadernos da FAEL*, Nova Iguaçu, RJ, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2008.

ARAUJO, Israel de. *Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

ARAÚJO, Israel. (Coord.) *Dicionário Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro. ed. CPAD, 2007.

AURÉLIA revela a Fernando que o comprou. In: SENHORA. Escrita por Gilberto Braga e dirigida por Herval Rossano. Produzida por Rede Globo. 1975. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/videos/idvideo/2473194/title/senhora.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção. *Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 12, Nº, 01, Jan/Jun, p. 9-30, 2012*.

BERGER, Peter. A Dessecularização do mundo: Uma visão global. In: *Religião e Sociedade*, vol. 21, n. 1, 2001.

_____. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA de estudo pentecostal. Almeida revista e corrigida. CPAD, 1995.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, GO, vol. 15, n. 1, p. 171-182, 2011.

BRASIL, Tralha. *Gastão Formenti - A vida é boa – 1937*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-UPX4a6tEeg>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

BRITO, Sylvio. Ata da 4ª e 5ª reuniões convencionais. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, a. VII – n. 22, 2 quin. nov. 1937.

BURNS, Barbara; AZEVEDO, Décio de; CARMINATI, Paulo Barbero F. de. *Costumes e culturas: uma introdução à antropologia missionária*. 3. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 1995.

CABRAL, L. S. *Introdução à linguística*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

CARLUCCI, Edilaine Monique de Souza et al. Obesidade e sedentarismo: fatores de risco para doença cardiovascular. *Comunicação em Ciências da Saúde*. Brasília, ano 24, nº 4, 375-384, out.-dez. 2013.

COSTA, Priscila Marques da. *O poder da comunicação: persuasão como guia das massas*. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0611180303.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

DANIEL, Silas. Et. al. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP. 2006

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Rap: Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, RJ, v. 44, n. 2, p. 367-383, 2010.

FIGUEIRÔA, Fábio Costa. *História da comunicação e dos meios*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/285200436/historia-da-comunicacao-e-dos-meios-pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

FRANCO, Maria Eugênia Santana. Os meios de comunicação em massa e o sistema jurídico: a mídia como um instrumento de controle social. *Revista da Faculdade de Direito – UFU, Uberlândia, MG*, v. 44, n. 2, p. 268-291, 2016.

GONDIM, Ricardo. *É proibido: o que a bíblia permite e a igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão. 2001.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Transformações na comunicação religiosa: Análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. *CIVITAS – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, RS, v. 12, n. 3, p. 453-468, 2012.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. *História: sociedade & cidadania*. São Paulo, SP: FTD, 2013.

KNOPP, Glauco da Costa. *A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corporatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea*. Faculdade de Comunicação/UFBA; Salvador, Bahia. 2008.

LAKATOS Eva M.; MARCONI, Marina A. *Sociologia Geral*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOLLA, Daiane Machado et al. A televisão como veículo de informação: uma linguagem de imagens e sons. *Revista Científica do Unisalesiano*, Lins, SP, ano 2, n. 3, p. 69-80, jan/jun de 2011.

MANCILLA, OMAR REYES. *A importância da internet para o desenvolvimento das vendas no Brasil*. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1111390013.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

MARTINS, Gonçalo. *Influência da comunicação social na vida pública*. Disponível em: <http://alumni.ipt.pt/~goncalom/ECS-opiniao_publica.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

MELO, Mônica Santos de Souza. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religiosa. In: MELO, Mônica Santos de Souza (Org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte, MG: NAD/FALE/UFMG, p. 131-149, 2017.

NETO, Pedro de Alcântara. *História das comunicações e das telecomunicações*. Disponível em: <http://www2.ee.ufpe.br/codec/Historia%20das%20comunicaes%20e%20das%20telecomunicaes_UPE.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

ORLANDI, E. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, BA, n. 1, p. 9-13, 2005.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

PANCIERI, Ana Claudia Gobetti. Os usos e costumes nas Assembleias de Deus do Brasil. *Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, v. 5, n. 1, p. 178-187, 2017.

PATRIOTA, Karla Regina Macena P. *A aliança entre a religião e a mídia*. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=302&cod_boletim=16&tipo=Artigo>. Acesso em: 08 set. 2018.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. UNICAMP, SP, 2009.

REGINALDO Rossi - Garçom (Ao Vivo, 2005) HD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ukwVJneSuUc>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SILVA, André Luiz de Castro; ARAÚJO, Marcelo Marques. *Táticas argumentativas no discurso religioso midiático neopentecostal*. Disponível em: <<https://doi.galoa.com.br/sites/default/files/10.21745/ac06-14.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SILVA, Cláudio José da. *A doutrina dos usos e costumes na Assembleia de Deus*. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, 2003.

SILVA, João Pereira de Andrade e. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil reafirma a necessidade de que nossas igrejas se mantenham dentro do padrão doutrinário que tem sido apanágio da vida de seus obreiros e membros. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 45, n. 9, 1975.

SILVA, Tatiane Xavier da; COSTA, Ivandilson. O discurso religioso: aspectos de performatividade, autoritarismo e relações de poder. *LINGUAGEM - Estudos e Pesquisas*, Catalão - GO, vol. 15, n. 2, p. 119-136, jul./dez., 2011.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. Assembleias de Deus em vias de midiáticação: entre dizeres e silêncios. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*. Vol. 5, nº 9, janeiro-junho, p. 10-18, 2017.

SOUZA, Mauro Ferreira de. *A igreja e o estado: uma análise da separação da igreja católica do estado brasileiro na constituição de 1891*. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

SUAVE veneno, capítulo 1. Escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Daniel Filho e Ricardo Waddington. Produzida por Rede Globo. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VBYdmWmLeK8>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

TOCCHETTO, Gabriel Zanatta. *O (Quarto) poder dos meios de comunicação em massa*. Disponível em: <<https://www.imed.edu.br/Uploads/micimed2014submission16.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007.

VAINFAS, Ronaldo et al. *História 3: ensino médio*. 3ª ed. São Paulo, Saraiva, 2017.

WOOLF, Bruna. *Orlando Silva – Dama do Cabaret*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lYOpFAz4WkI>>. Acesso em: 27 ago. 2018.